

MARCELO FELIPE SABINO DOS SANTOS

**A SINGULARIZAÇÃO URBANA E A SEGREGAÇÃO ESPACIAL DA POPULAÇÃO
PRETA EM OURO PRETO (MG) APÓS 1980**

Dissertação apresentada à
Universidade Federal de Viçosa como
parte das exigências do Programa de
Pós-Graduação em Geografia para
obtenção do título de *Magister Scientiae*.

Orientador: Gustavo Soares Iorio

**VIÇOSA - MINAS GERAIS
2023**

**Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da Universidade
Federal de Viçosa - Campus Viçosa**

T

S237s
2023

Santos, Marcelo Felipe Sabino dos, 1992-

A singularização urbana e a segregação espacial da
população preta em Ouro Preto (MG) após 1980 / Marcelo
Felipe Sabino dos Santos. – Viçosa, MG, 2023.

1 dissertação eletrônica (101 f.): il. (algumas color.).

Inclui apêndice.

Orientador: Gustavo Soares Iorio.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Viçosa,
Departamento de Geografia, 2023.

Referências bibliográficas: f. 96-99.

DOI: <https://doi.org/10.47328/ufvbbt.2023.069>

Modo de acesso: World Wide Web.

1. Patrimônio Cultural - Ouro Preto (MG). 2. Ouro Preto
(MG) - Geografia histórica. 3. Espaços públicos - Ouro Preto
(MG). 4. Geografia da população - Ouro Preto (MG). 5. Negros -
Segregação - Ouro Preto (MG). I. Iorio, Gustavo Soares, 1984-
II. Universidade Federal de Viçosa. Departamento de Geografia.
Programa de Pós-Graduação em Geografia. III. Título.

CDD 22. ed. 911.8151


MARCELO FELIPE SABINO DOS SANTOS

**A SINGULARIZAÇÃO URBANA E A SEGREGAÇÃO ESPACIAL DA
POPULAÇÃO PRETA EM OURO PRETO (MG) APÓS 1980**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Viçosa como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Geografia para obtenção do título de *Magister Scientiae*.


APROVADA: 17 de fevereiro de 2023

Assentimento:

Documento assinado digitalmente
 MARCELO FELIPE SABINO DOS SANTOS
Data: 01/03/2023 14:00:08-0300
Verifique em <https://verificador.iti.br>

Marcelo Felipe Sabino dos Santos

Autor

Documento assinado digitalmente
 GUSTAVO SOARES IORIO
Data: 01/03/2023 13:53:10-0300
Verifique em <https://verificador.iti.br>

Gustavo Soares Iorio

Orientador

À memória da minha mãe, Maria A. Moutinho dos Santos e em lembrança aos escravizados que com sangue e suor erigiram cada pedra de Ouro Preto-MG.

AGRADECIMENTOS

Qualquer palavra aqui exposta não seria suficiente para demonstrar o agradecimento que tenho por poder realizar este trabalho.

Primeiramente agradeço a Deus pela saúde e proteção nestes tempos sombrios e incertos que todos vivenciamos.

À Universidade Federal de Viçosa-UFV por me aceitar como discente e permitir a realização deste trabalho.

Ao departamento de Geografia da UFV, em especial aos professores Gustavo Iorio por me aceitar como orientando e colaborar com a condução desta pesquisa, e ao professor Leonardo Civile pelos conselhos e indicações de leitura.

À Nanci pela paciência, carinho e apoio em todas as horas.

A todos os voluntários que de boa vontade cederam um momento do seu precioso tempo para concederem as informações contidas neste trabalho.

Meu mais sincero obrigado!

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

*“O sol nasce e ilumina as pedras evoluídas, que
cresceram com a força de pedreiros suicidas
Cavaleiros circulam vigiando as pessoas, não
importa se são ruins, nem importa se são boas
E a cidade se apresenta centro das ambições para
mendigos ou ricos e outras armações
Coletivos, automóveis, motos e metrô,
trabalhadores, patrões, policiais, camelôs
A cidade não para, a cidade só cresce
O de cima sobe e o de baixo desce
A cidade não para, a cidade só cresce
O de cima sobe e o de baixo desce
A cidade se encontra prostituída, por aqueles que a
usaram em busca de saída
Ilusora de pessoas de outros lugares, a cidade e
sua fama vai além dos mares
No meio da esperteza internacional, a cidade até
não está tão mal
E a situação sempre mais ou menos, sempre uns
com mais, e outros com menos
A cidade não para, a cidade só cresce
O de cima sobe e o de baixo desce
A cidade não para, a cidade só cresce
O de cima sobe e o de baixo desce”*

(A cidade-Chico Science e Nação
Zumbi)

RESUMO

SANTOS, Marcelo. F. S., M.Sc., Universidade Federal de Viçosa, fevereiro de 2023. **A Singularização Urbana e a Segregação Espacial da População Preta em Ouro Preto (MG) após 1980**. Orientador: Gustavo Soares Iorio.

Fundada no período colonial brasileiro denominado pela historiografia como Ciclo do Ouro, a cidade de Ouro Preto foi um importante centro econômico e cultural do Brasil durante décadas e se manteve como a capital do estado de Minas Gerais até o ano de 1897, mesmo com a exaustão das jazidas auríferas presentes na região. Devido a sua importância e ao seu potencial de exploração econômica, mesmo quando a cidade se encontrou em franca decadência urbana e social nas primeiras décadas do século XX, Ouro Preto atraiu a atenção de inúmeros setores da sociedade, dado o seu conjunto patrimonial e potencialidades de exploração industrial, o que resultou em um espaço urbano singularizado no que diz respeito ao seu conjunto arquitetônico e desigual no que diz respeito a sua morfologia. O presente trabalho traz resultados de uma pesquisa sobre a segregação espacial da população preta na cidade de Ouro Preto-MG, correlacionando o crescimento urbano desta cidade com as políticas urbanas levadas a cabo na localidade após a sua inscrição na lista de Patrimônios da Humanidade da UNESCO no ano de 1980. Para tanto, este trabalho se valeu de revisão bibliográfica, análise de dados espaciais presentes no Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística-IBGE (setores censitários) e trabalhos de campo realizados nos bairros São Cristovão, São Francisco e na Ocupação do caminho da Fábrica no bairro Caminho da Fábrica em Ouro Preto-MG no ano de 2022, além de uma análise crítica das políticas urbanas levadas a cabo no município com a finalidade de manutenção do seu patrimônio arquitetônico, que em uma via de mão dupla, fomentaram a criação de espaços urbanos contrastantes e divergentes dentro da mesma municipalidade.

Palavras-chave: Patrimônio Cultural. Cidade Histórica. Espaço Urbano

ABSTRACT

SANTOS, Marcelo. F. S., M.Sc., Universidade Federal de Viçosa, February, 2023. **The urban singularization and the spatial segregation of the black population in Ouro Preto (MG) after 1980.** Orientador: Gustavo Soares Iorio.

Founded in the Brazilian colonial period known by the historiography as Ciclo do Ouro (Brazilian golden rush), the city of Ouro Preto was an important center of economic and cultural development from Brazil, and remained that the capital of the state of Minas Gerais until the city of Belo Horizonte be inaugurated in the end of 19's century, despite the Ouro Preto's golden mines was exhausted decades before. Due to its importance and its potential for economic exploitation, even when the city was in frank urban and social decay in the first decades of the 20th century, Ouro Preto attracted the attention of numerous sectors of society, given its heritage and potential for development. industrial exploitation, which resulted in a unique urban space with regard to its architectural set and uneven with regard to its morphology. The present work brings results of a research on the spatial segregation of the black population in the city of Ouro Preto, correlating the urban growth of this city with the urban policies carried out in the locality after its inscription on the list of UNESCO World Heritage Sites in the year 1980. For this purpose, this work was based on a bibliographical review, analysis of spatial data present at the Brazilian Institute of Geography and Statistics-IBGE (census tracts) and field work carried out in the neighborhoods of São Cristovão, São Francisco and in Ocupação do Caminho da Fábrica in the Caminho da Fábrica neighborhood in Ouro Preto-MG in the year 2022, in addition to a critical analysis of the urban policies carried out in the municipality with the purpose of maintaining its architectural heritage, which in a two-way street, fostered the creation of contrasting and diverging urban spaces within the same municipality.

Keywords: Cultural Heritage. Historical City. Urban Space

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1- Esquema dos demais núcleos de povoamento e das vias secundárias ao longo da Estrada Tronco	
22	
Figura 2 - Linha Cronológica das políticas urbanas de Ouro Preto entre 1933 a 2021	28
Figura 3 - Imagem de satélite da sede municipal de Ouro Preto-MG	37
Figura 4 - Áreas de risco em Ouro Preto-MG	38
Figura 5 - Bairro São Cristovão e Bairro São Francisco	54
Figura 6 - Bairro Caminho da Fábrica (com destaque para a Ocupação do Caminho da Fábrica)	
54	
Figura 7 - Bairro São Francisco	58
Figura 8 - Área da Ocupação do Caminho da Fábrica em 2003	69
Figura 9 - Área da Ocupação do Caminho da Fábrica em 2011	70
Figura 10 - Área da Ocupação do Caminho da Fábrica em 2016	70
Figura 11 - Área da Ocupação do Caminho da Fábrica em 2018	71
Figura 12 - Área da Ocupação do Caminho da Fábrica em 2022	71
Fotografia 1 - Soterramento parcial da Roviária de Ouro Preto em 2012	59
Fotografia 2 - Cicatriz no morro situado na rua Padre Rolim (em frente ao Terminal Rodoviário de Ouro Preto) em agosto de 2022	
60	
Fotografia 3 - Vista de habitações dos bairros São Francisco e São Cristovão (ao fundo) sobre encosta da Serra de Ouro Preto em 2022	
61	
Fotografia 4 - Vista parcial da antiga Fábrica de Tecidos de Ouro Preto circa de 1930/40	
62	
Fotografia 5 - Casas geminadas do conjunto da Antiga Fábrica de tecidos de Ouro Preto (Antigas residências dos trabalhadores)	
63	
Fotografia 6 - Interior da Sala de Pano da Fábrica de Tecidos de Ouro Preto (sem data definida)	

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

64

- Fotografia 7 - Cachoeira do Tombadouro 65
- Fotografia 8 - Estação Vitorino Dias em 2021 65
- Fotografia 9 - Estação Itacolomy (Atual estação Vitorino Dias) circa década de 1920 66
- Fotografia 10 - Centro de Eventos-Fábrica de Tecidos Ouropretana 68
- Fotografia 11 - Vista parcial da Ocupação do Caminho da Fábrica a partir da Avenida Farmacêutico Duílio Passos (Coordenadas: 23 K 657998.12 m E 7744993.25 m S)73
- Fotografia 12 - Muro de estilo colonial adaptado como parte de construção moderna no Bairro São Cristovão em Ouro Preto-MG

92

Gráfico 1 - Habitantes por cor e condição social	19
Gráfico 2 - População Ouro-Pretana por Cor em 1890	20
Gráfico 3 - Índices de Capacidade empresarial - destino x Brasil x não capitais: 2008- 2015	49
Gráfico 4 - Auto declaração étnico-racial dos entrevistados	77
Gráfico 5 - Auto Declaração étnico-racial dos entrevistados por bairro	78
Gráfico 6 - Faixa de remuneração dos entrevistados	79
Gráfico 7 - Número de dependentes	79
Gráfico 8 - Faixa etária dos entrevistados	80
Gráfico 9 - Estado civil dos entrevistados	81
Gráfico 10 - Estado civil dos entrevistados	81
Gráfico 11 - Tempo que moram na casa	82
Gráfico 12 - Tempo de deslocamento até o trabalho	83
Gráfico 13 - Escolaridade dos entrevistados	85
Gráfico 14 - Entrevistados que possuem parentes que cursaram ou cursam UFOP ou IFMG	
86	
Gráfico 15 - Entrevistados que desfrutam dos monumentos históricos de Ouro Preto- MG	8 7
Mapa 1 - Mapa do zoneamento da cidade de Ouro Preto	3 6
Mapa 2 - Ocupação urbana de Ouro Preto	3 9
Mapa 3 - Área urbana em 1950	4 0
Mapa 4 - Área urbana em 1986	4 1
Mapa 5 - Área urbana em 2004	4 2
Mapa 6 - Setores censitários de Ouro Preto (MG)	4 4
Mapa 7 - Limites territoriais da cidade Ouro Preto-MG	4 5
Mapa 8 - Distribuição territorial de pretos e pardos por setores censitários em Ouro Preto-MG (censo 2010)	4 6

Mapa 9 - Pretos e pardos por setores censitários urbanos em Ouro Preto- MG	4 7
Mapa 10 - Mapa de Bairros Distrito Sede	5 3
Mapa 11 - Evolução da ocupação - Bairro São Cristóvão	5 7
Mapa 12 - Pretos e Pardos por setores censitários urbanos em Ouro Preto-MG	7 5

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Mercado Imobiliário ouro-pretano conforme as faixas de valores de aluguéis

32

Tabela 2 - Pessoas de 10 anos ou mais de idade com rendimento de trabalho, ocupada na semana de referência

33

Tabela 3 - Setores de atuação profissional dos entrevistados 84

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ALCAN - Aluminum Company of Canada

BR-356 - Rodovia federal diagonal, com o seu sentido crescente de noroeste a sudeste. Seu ponto inicial está em Belo Horizonte (MG); o ponto final está em São João da Barra (RJ)

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia Estatística

IFMG – Instituto Federal de Minas Gerais

PMOP – Prefeitura Municipal de Ouro Preto

SENAI - Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial

SPHAN - Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico

Nacional **UFOP** – Universidade Federal de Ouro Preto

UFV – Universidade Federal de Viçosa

UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

UPA – Unidade de Pronto Atendimento

ZPE – Zona de Proteção Especial

ZAR – Zona de Adensamento Restrito

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	13
2. CAPÍTULO I: De colonial a histórica- as origens de Ouro Preto (MG)	16
2.1. O panorama ouro-pretano	17
2.1.1 Aspectos Humanos	18
2.1.2 Aspecto Urbano	21
3. CAPÍTULO II: As outras faces de Ouro Preto (MG)	52
3.1. São Cristóvão, São Francisco e Ocupação do Bairro Caminho da Fábrica, uma análise de campo	52
3.2.1. Bairro São Cristovão	55
3.2.2. Bairro São Francisco	58
3.2.3. Bairro Caminho da Fábrica (Ocupação do Caminho da Fábrica)	61
4. CAPÍTULO III- RESULTADOS E DISCUSSÃO	74
4.1. Levantamento de Dados	74
4.2. Apresentação dos resultados	77
5. CAPÍTULO III : CONCLUSÃO	89
6. REFERÊNCIAS	96
7. APÊNDICE	100
7.1. Roteiro de Pesquisa	100

1. INTRODUÇÃO

Localizada no sudeste do Brasil, no estado de Minas Gerais, a cidade de Ouro Preto possui uma considerável relevância histórica, geográfica e social. Como a sua origem remonta ao período colonial, em um primeiro momento a cidade se desenvolveu graças à exploração das jazidas auríferas encontradas na região no final do século XVII, e desde então, vem se mantendo vinculada direta ou indiretamente aos processos históricos dos variados períodos que se sucederam. Ouro Preto figura tanto no cenário político por ter sido a capital do estado de Minas Gerais até 1897, como também tem seu papel de destaque no que se refere à questões culturais, uma vez que foi uma das primeiras cidades do Brasil a ser tombada pelo Iphan no ano de 1938, como Patrimônio Cultural, e a primeira cidade brasileira a ser reconhecida pela Unesco como Patrimônio Mundial, em 1980.¹

O município de Ouro Preto, além do seu território sede, é dividido em 12 distritos, sendo eles Cachoeira do Campo, Amarantina, Glaura (Casa Branca), São Bartolomeu, Santo Antônio do Leite, Rodrigo Silva, Miguel Burnier, Engenheiro Correia, Santa Rita, Santo Antônio do Salto, Antônio Pereira e Lavras Novas. A cidade de Ouro Preto já foi considerada um importante centro urbano brasileiro, sendo uma cidade referência devido a sua elevação à categoria de vila no ano de 1711 sob o nome de Vila Rica, o que anos mais tarde levou a localidade a se tornar em 1720 a capital da então Capitania de Minas Gerais, sendo no ano de 1823 declarada oficialmente a capital da Província de Minas Gerais, recebendo o nome de Ouro Preto.² Devido à sua importância econômica, ao longo de sua história Ouro Preto também foi palco de inúmeros acontecimentos a citar o início da Guerra dos Emboabas em 1707³, a Revolta de Vila Rica, também denominada Revolta de Felipe dos Santos em 1720⁴ e a Inconfidência Mineira em 1789⁵, episódios estes que localizaram a cidade no contexto de formação do estado-nação brasileiro.

¹Disponível em <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/373/>. Acesso em 22 fev 2023.

²Disponível em <https://ouopreto.mg.gov.br/historia>. Acesso em 22 fev 2023.

³Disponível em <https://www.historia.uff.br/impressoesrebeldes/revolta/guerras-dos->

[emboabas/](#). Acesso em 22 fev 2023

⁴ Disponível em : <https://www.historia.uff.br/impressoesrebeldes/revolta/revolta-de-vila-rica/>. Acesso em 22 fev 2023

⁵ Disponível em: <https://www.historia.uff.br/impressoesrebeldes/revolta/inconfidencia-mineira/>. Acesso em 22 fev 2023

Por estar localizada na Serra do Espinhaço, a cidade possui atualmente um enorme potencial paisagístico. Considerando sua paisagem natural aliada ao seu conjunto arquitetônico majoritariamente composto por estruturas de origem colonial, observamos características que conferem à Ouro Preto o status de um dos cartões postais brasileiros e proporciona aos visitantes um cenário a céu aberto capaz de oferecer um vislumbre de como era constituída a cidade no passado. No entanto, tais particularidades podem encobrir as demandas de uma localidade moderna e pulsante que, muitas vezes, hesita em se ver como o fruto da narrativa da modernidade e por isso um espaço em transformação.

Desta dicotomia, surgem espaços recortados e distintos no que diz respeito às funções urbanas, sendo estes locais ocupados por grupos que possuem demandas divergentes. Como exemplo, podemos citar o perímetro tombado, cristalizado pela inscrição da cidade na lista de patrimônios da humanidade da UNESCO, beneficiário de políticas públicas de preservação e manutenção patrimonial que agrega estruturas econômicas que fazem desenvolver o mercado e fluir o capital. No entanto, por um outro lado temos os espaços adjacentes e periféricos, no qual se encontram concentradas parcelas da população que não possuem recursos para participar dos movimentos econômicos do centro da cidade, como a especulação imobiliária ou investimentos no setor de serviços e, sendo assim, percebem-se alijadas de acesso digno à moradia, serviços públicos, direito à cidade e mesmo à segurança, uma vez que, em consideráveis situações se encontram em áreas naturalmente vulneráveis a desastres naturais, situadas nas encostas da Serra de Ouro Preto.

Devido ao seu passado colonial e suas relações com a exploração de mão de obra escravizada, Ouro Preto ainda hoje é a arena de conflitos raciais, e apesar de tentativas de apagamento cultural, visual e político, a população afrodescendente local construiu, e ainda constrói e reconstrói na localidade, o espaço urbano que dá vida ao lugar e torna a Ouro Preto contemporânea uma cidade viva, com suas contradições e combinações.

A pesquisa aqui apresentada foi desenvolvida no programa de mestrado em Geografia da Universidade Federal Viçosa-UFV e tem por finalidade analisar as relações espaciais associadas ao processo de inscrição da cidade de Ouro Preto na lista dos Patrimônios da Humanidade

pela UNESCO, avaliando como este evento influencia a produção de um espaço desigual na localidade, colaborando com a exclusão socioespacial de parcelas da população preta local por ser um vetor de

gentrificação.

Utilizando como principal base metodológica a apresentação e análise crítica de dados censitários produzidos pelo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística- IBGE. O IBGE por ser a principal instituição pública em pesquisas geoespaciais foi a fonte primária de dados que correlacionam informações sobre a população de Ouro Preto e a sua distribuição espacial, além de fornecer uma base conceitual que refinou e deu exatidão a inúmeros questionamentos levantados neste trabalho. Para esta pesquisa também foram analisadas de forma complementar leituras sobre a evolução urbana da cidade de Ouro Preto, o seu processo de patrimonialização e suas consequências locais, buscando relacionar os fatores que contribuem com a dispersão e/ou concentração da população preta residente nas áreas do município.

O intuito deste trabalho é compreender fenômenos espaciais em uma escala local, que dificilmente poderiam ser quantificados, tendo em vista se tratar da percepção espacial de uma amostragem da população preta residente em Ouro Preto. Para tanto, foram realizadas entrevistas guiadas por questionários contendo questões relacionadas a cidade e como esta parcela da população chegou ao local em que reside no momento da pesquisa, além de questões que abordam as condições educacionais, econômicas, financeiras e sociais.

Para guiar as discussões sobre os temas aqui desenvolvidos e oferecer um norteamento para a análise dos dados levantados em campo, a revisão bibliográfica desta pesquisa tratou de valer-se de obras e pesquisas acerca das relações históricas e raciais no Brasil e em Ouro Preto em específico, sobre a construção e reformulação de espaços urbanos, sobre as classificações tipológicas e também sobre a patrimonialização destes espaços. Foram desenvolvidas também discussões baseadas em conceitos de inúmeras áreas, dentre elas, Patrimônio Cultural, Geografia Urbana e a Arquitetura.

Assim, a pesquisa aqui apresentada propõe, acima de tudo, suscitar discussões sobre o espaço urbano da cidade histórica de Ouro Preto com a ousadia e modéstia de enriquecer a bibliografia geográfica, em especial no campo da Geografia Urbana e áreas correlatas, buscando elucidar possíveis questões envolvendo o fenômeno da segregação espacial da

população preta residente em Ouro Preto após a inscrição da cidade na lista de Patrimônios da Humanidade da Unesco em 1980.

2. CAPÍTULO I: De colonial a histórica- as origens de Ouro Preto (MG)

O primeiro capítulo deste trabalho se dedica a apresentar o objeto de estudo desta pesquisa: a cidade de Ouro Preto e suas características herdadas do passado colonial.

No transcurso do período de exploração aurífera no Brasil, época em que por deter grandes riquezas Ouro Preto, ou Vila Rica como chamada na ocasião, era tida como um centro econômico e cultural da coroa portuguesa, mesmo na condição de colônia, o que levou a afluir para a localidade milhares de pessoas de diversas origens: de africanos e brasileiros escravizados a lusitanos aventureiros em busca de enriquecimento rápido, formando assim os grupos construtores da cultura e arquitetura que compõe o patrimônio tombado da Ouro Preto contemporânea.

Localizada na região central de Minas Gerais, distante 96 quilômetros da capital do estado Belo Horizonte, Ouro Preto é situada sobre a Serra do Espinhaço e integra a zona produtiva denominada na atualidade de Quadrilátero Ferrífero. A cidade de Ouro Preto, atualmente, é dividida em distritos e bairros (subdivisão intraurbana, na sede municipal, estabelecida pela câmara municipal e sancionada pela prefeitura municipal de Ouro Preto pela Lei 1.181/2020), o que atribui ao município características de um mosaico espacial, com uma dinâmica urbana conflituosa no que diz respeito a interesses relacionados à expansão urbana, planejamento e acesso a serviços.

Na chamada “sede” do município está localizado o centro histórico da cidade, ou seja, um perímetro tombado pelo IPHAN e inscrito na lista de patrimônio da humanidade pela UNESCO em 1980. Esta região abrange o centro da cidade, os bairros situados em sua adjacências (Pilar, Rosário e Antônio Dias), além de partes dos bairros Barra, Alto da Cruz e Piedade e Padre Faria, o que faz da sede municipal de Ouro Preto um espaço no qual as relações de moradia e acesso à cidade apresentem conflitos relacionados com interesses econômicos e políticas de preservação patrimonial tomadas pelo poder público em diferentes esferas mais a população local.

Ao longo dos anos, a despeito de todas as transformações sociais pelas quais o país passou, a segregação e divisão de classes não deixou de ser percebida na cidade de Ouro Preto que, por meio dos tombamentos de espaços e tradições, ainda

tem a sua configuração social influenciada por resquícios do Brasil colonial, que dividia as pessoas em grupos de comando e grupos subalternizados, sendo estes últimos compostos majoritariamente pela população preta local.

O capítulo a seguir apresenta a formação da cidade de Ouro Preto como localidade de exploração e as suas transformações sociais após as minas de ouro exaurirem na localidade, além dos processos históricos e políticos que desembocaram nos tombamentos ocorridos na cidade a partir da década de 1930, que criaram a imagem de Ouro Preto como cidade colonial, sendo esta imagem duradoura até os dias contemporâneos.

2.1. O panorama ouro-pretano

Ouro Preto foi o principal centro de mineração aurífera no período do ciclo do ouro, e devido as oportunidades e possibilidades disponíveis para os mais variados tipos de atividades, afluíram para o local, enormes contingentes humanos oriundos das mais diversas regiões do país e também de Portugal (BOXER, 1962, p. 39), no mesmo momento em que também chegou à cidade um grande número de pessoas escravizadas originárias da costa oeste do continente africano (RIBEIRO, 2014, p.102). Ainda hoje na cidade de Ouro Preto há remanescentes culturais, demográficas, sociais e histórico-geográficas do período em questão, o que influencia a constituição dos espaços da cidade e as relações sociais que neles se dão.

Possuindo uma população estimada em 74.824 habitantes, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística-IBGE⁶, a cidade de Ouro Preto, considerando o recorte temporal adotado para o desenvolvimento deste trabalho, possui inúmeros problemas enfrentados por parte de sua população no que se refere ao acesso à moradia. Tais problemas vão desde situações relacionadas à ocupação de áreas vulneráveis sujeitas a movimentos de massa, até à privação do acesso à terra, fatos estes que, dado as características econômicas locais e a sua ligação com o patrimônio arquitetônico da sede municipal, ancoram o desenvolvimento

de um setor terciário que pesa no encarecimento de terrenos e imóveis, bem como, na maneira como o solo é parcelado no município.

⁶ Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/mg/ouro-preto.html>. Acesso em 08 jan. 2022.

Por ter sido um dos principais locais de exploração aurífera do Brasil colônia, Ouro Preto possuiu uma relação direta com o tráfico de escravizados do continente africano e de outras regiões do Brasil. Como indicado por ALENCASTRO (2018, p.3) e também COSTA (1979, p. 17), em decorrência do descobrimento de reservas auríferas na localidade por bandeirantes paulistas no final do século XVII, foram trazidos para a região pessoas escravizadas, não só como mão de obra na exploração das minas de ouro, mas também com a finalidade de cumprir outras atividades necessárias a manter o funcionamento da extração do minério e a manutenção da sociedade colonial, de acordo com os costumes praticados à época.

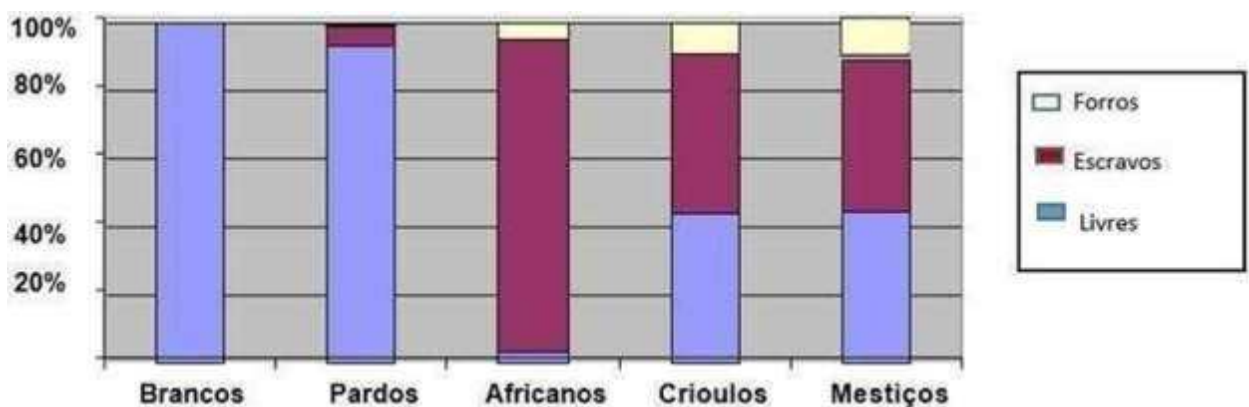
No final do período de exploração aurífera, pelo esgotamento das jazidas de ouro locais, Ouro Preto se manteve como o centro administrativo de Minas Gerais durante boa parte do século XIX, até que ocorreu a transferência da capital do estado mineiro para Belo Horizonte no ano de 1897. Esta mudança levou o município a vivenciar nas primeiras décadas do século XX uma fase de decréscimo populacional, o que geralmente não é tratado na literatura com um fator preponderante para o declínio urbano e a origem da decadência econômica que Ouro Preto experimentou. Este fato torna necessário a realização da seguinte ressalva: por Ouro Preto ter permanecido como capital da província de Minas Gerais durante e após o período de exploração aurífera, ocorreu na localidade a manutenção de estruturas de serviços e de comércio voltados a atender as demandas populacionais e da organização de uma capital de estado. A continuidade desses dois fatores econômicos e sociais aqueceram a economia local e deram ensejo à urbanização e modernização da cidade durante boa parte do século XIX, após o esgotamento das jazidas auríferas, até a transferência da capital de Minas Gerais para a cidade de Belo Horizonte no ano de 1897. A partir de então e, somente após esta mudança, houve uma alteração na estrutura econômica e social da cidade, transformando os aspectos sociais e o tecido urbano do município em uma zona de decadência até as primeiras décadas do século XX, quando novamente a localidade recebeu impulsos de desenvolvimento.

2.1.1 Aspectos Humanos

Em um estudo demográfico sobre a população de Ouro Preto intitulado Vila Rica: população (1719-1826), COSTA (1979) analisa o comportamento populacional em Ouro Preto entre os anos de 1719 a 1826 e aponta que os livres e forros (ex escravos

libertos por carta de alforria) contavam 68,61% da população ouro-pretana, sendo que 40,9% dos domicílios contavam com escravos (COSTA, 1979, p. 83). A autora também indica que a localidade do Antônio Dias (atual bairro Antônio Dias), era a área mais populosa no período, abrigando 50,77% da população de Ouro Preto com uma predominância de pessoas em situação de escravidão (COSTA, 1979, p.84), a autora também aponta que o comércio e os trabalhos artesanais compunham as principais atividades econômicas da cidade no período em questão. Analisando o aspecto racial da população da então capital mineira, nota-se que a população local se dividia entre brancos, negros e mestiços, sendo a população preta a parcela que compunha o maior contingente de escravizados no ano de 1838, como demonstra o gráfico a seguir, presente em Félix (2019, p.41).

Gráfico 1 - Habitantes por cor e condição social



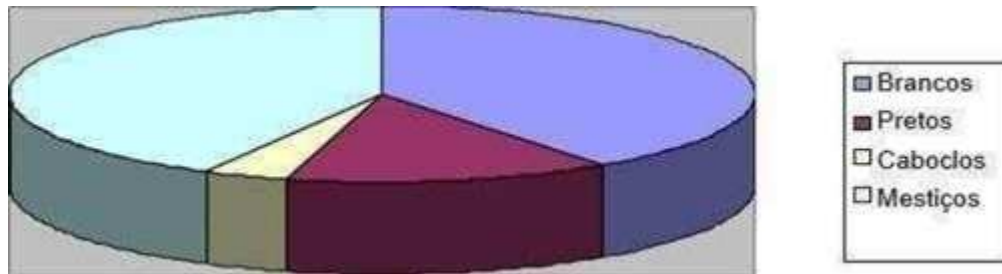
Fonte: Félix, 2019, p. 41.

Considerando as informações apresentadas no gráfico 1, em 1838, na cidade de Ouro Preto, cem por cento da população branca era livre, enquanto a população parda (oriunda da miscigenação entre brancos e pretos) possuía um quantitativo de cerca de 90% de pessoas em liberdade, com a escravidão se restringindo majoritariamente a africanos. O mesmo gráfico também demonstra que a liberdade obtida pela alforria era menor entre esta população, sendo maior entre os mestiços e criolos (termo utilizado a época para designar os negros nascidos no Brasil). No gráfico abaixo, também presente em FÉLIX (2019, p.41), são apresentados dados da população ouro-pretana por cor no ano de 1890, ou seja, sete

anos antes da transferência da capital de Minas Gerais de Ouro Preto para Belo Horizonte, e dois

anos após a abolição legal da escravidão no Brasil.

Gráfico 2 - População Ouro-Pretana por Cor em 1890



Fonte: Félix, 2019, p. 41.

Neste segundo gráfico (gráfico 2), nota-se que a população mestiça e branca eram majoritárias entre a população ouro-pretana. O encolhimento da população preta na localidade no período pode estar correlacionado com a migração das populações dos ex escravizados que nesta fase eram livres devido a abolição legal da escravidão ocorrida em 1888. Como aponta COSTA (1979, p.18), a migração de pessoas livres em Ouro Preto era um fato que ocorria desde o início do século XIX, e esse apontamento é corroborado por LUNA (1981, p.73) que também aponta uma queda na posse de escravos de 47,15% no ano de 1804 vinculada ao declínio da exploração aurífera na localidade no período.

Sobre o declínio populacional em Ouro Preto após a transferência da capital do estado de Minas Gerais, vale citar VIEIRA (2016, p.155) que analisando recenseamentos e contagens populacionais ocorridas em Ouro Preto entre o final do século XIX e as primeiras décadas do século XX, indica que o recenseamento de 1872 apontou que a cidade possuía no período uma população de 42.582 habitantes, e que o recenseamento de 1890 contou 59.249 habitantes. A mesma autora mostra que o recenseamento de 1900 apontou 65.383 habitantes (VIEIRA, 2016, p.156) enquanto o censo de 1920 apontou 51.136 habitantes, ou seja, entre os dois censos houve um decréscimo populacional flagrante, que ficou mais claro com o Recenseamento Geral de 1940 que mostrou que a cidade contava com apenas 27.890 habitantes (VIEIRA, 2016, p.157). Concluindo, em 1940 Ouro Preto contava com apenas 54% da população que possuiu em 1920, com um encolhimento demográfico de 46%, sendo esta

migração não correlacionada ao fator histórico-racial da abolição da
escravidão

no país ou o esgotamento das jazidas auríferas da localidade mas sim, à transferência da sede administrativa do estado de Minas Gerais para Belo Horizonte.

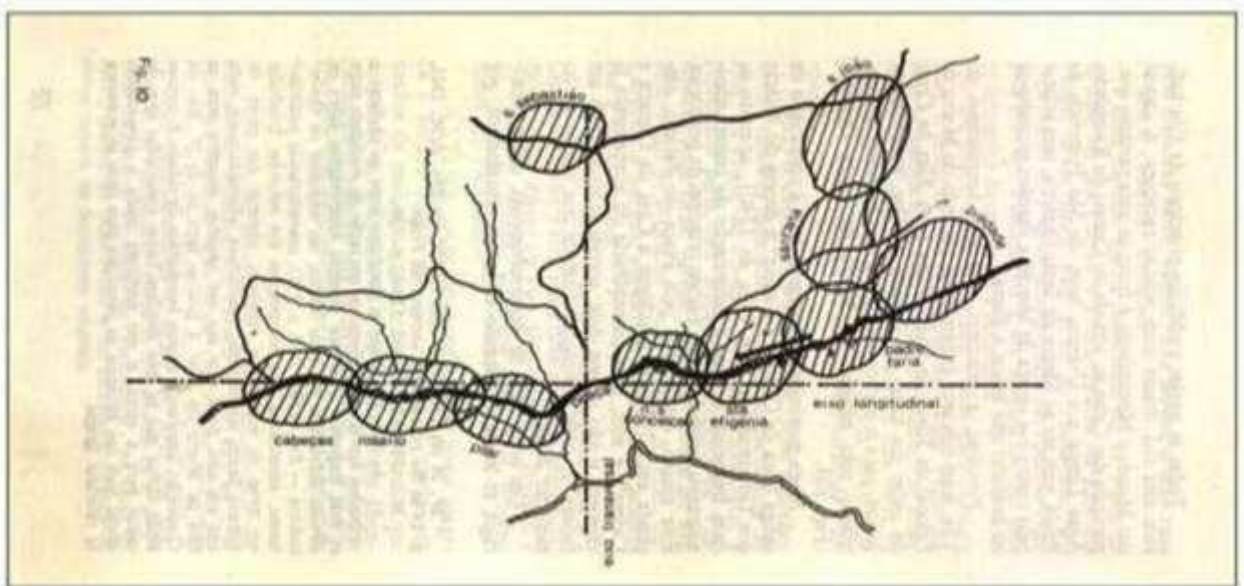
De uma forma geral, na literatura entende-se que o declínio econômico e urbano foi marcante em Ouro Preto até a instalação da fábrica pertencente ao grupo canadense Aluminium Limited (Alcan) se instalar na localidade em 1950 (SOBREIRA e DUQUE, 2004, p. 870) e tal fábrica rapidamente se tornou um novo propulsor de migração para a localidade, porém, há de se destacar que do final do século XIX até o final do século XX existiu uma fábrica de tecidos na cidade que também colaborou com o desenvolvimento estrutural moderno e com a economia local, fato que será tratado com mais detalhes no capítulo 2.

2.1.2 Aspecto Urbano

Com relação a evolução urbana de Ouro Preto, COSTA (2011) aponta que os melhores terrenos da sede municipal foram ocupados até o século XIX de forma que estas áreas se tornaram muito valorizadas nos períodos posteriores, o que levou as populações de baixa renda a ocuparem as áreas mais precárias e distantes do centro da cidade a partir de então.

O esquema a seguir (figura 1) apresenta as principais vilas que surgiram no decorrer do período colonial ao longo do chamado *caminho tronco*, que atualmente é a uma área de adensamento habitacional, e compõe o perímetro tombado e inscrito na lista de patrimônios da humanidade da Unesco desde 1980.

Figura 1- Esquema dos demais núcleos de povoamento e das vias secundárias ao longo da Estrada Tronco



Fonte: VASCONCELLOS, 1977, p 72.

Na atualidade, nestas mesmas áreas se localizam alguns dos principais bairros ouro-pretanos no que diz respeito ao setor terciário, sendo estes os locais de ocupação residencial mais antigos da cidade e onde também se localizam os principais monumentos históricos. Cabe ressaltar que o crescimento urbano nestas áreas se deu em um vale situado entre as Serras de Ouro Preto ao norte, e a Serra do Itacolomi ao sul e, atualmente, é uma área muito valorizada financeiramente devido ao seu conjunto paisagístico.

No livro *Ouro Preto- paisagem em transformação*, SALGADO (2013) realiza uma análise da evolução do tecido urbano ouro-pretano e também dos conflitos oriundos das divergências de demandas da parte antiga e da parte moderna da cidade. Na obra, a autora aponta que a dinâmica urbana relacionada a uma paisagem não deve impedir o desenvolvimento da mesma, bem como a sua renovação, mas realiza o adendo de que se faz necessário orientar essa dinâmica de transformação para que a cidade cresça de forma equilibrada, fazendo com que interesses econômicos de uma classe não prevaleçam sobre os interesses da coletividade (SALGADO, 2013, p.20).

Para fins de esclarecimento, aqui vale ressaltar o conceito de *paisagem*, importante e fundamental para se compreender as dinâmicas

urbano de Ouro Preto. MILTON SANTOS (2006, p.66) explica que “[paisagem] pode ser compreendida como um conjunto de formas que em um dado momento exprimem as heranças que representam as sucessivas relações localizadas entre o homem e a natureza” e o mesmo autor aponta que deve-se fazer uma distinção entre os conceitos de *paisagem* e *configuração territorial*, que segundo a sua definição “é um conjunto de elementos naturais e artificiais que fisicamente caracterizam uma área” (SANTOS, 2006, p.67). Concluindo esta linha de raciocínio, podemos inferir que o autor define paisagem como a expressão formal do espaço, ou seja, a sua materialidade, e por isso, é o seu aspecto visível.

Trazendo esse debate para Ouro Preto, pode-se perceber que a singularidade da sua paisagem se deve em muito pelas características do espaço local, que vinculadas ao entorno natural composto pela Serra do Espinhaço e suas adjacências, ou seja, pela configuração territorial de todo o município que compõe o quadro paisagístico da sede municipal. Avaliando a configuração territorial de Ouro Preto em retrospecto, podemos citar VIEIRA (2016, p.172) apud VASCONCELLOS (1951, p.180) que aponta que o estabelecimento da linha férrea na cidade em 1888 tornou mais acessíveis as inovações, e isso permitiu o acesso a novos materiais e uma consequente mudança na aparência da cidade, mas que essas mudanças não se deram intensivamente nas construções coloniais localizadas ao longo do caminho tronco na sede municipal, mesmo com ações de renovação sendo levadas a cabo em outros locais da cidade.

Quanto as questões relacionadas ao valor paisagístico de determinado lugar, CIVALE (2021) citando o geógrafo francês Jean Marc-Besse indica que essa mensuração está associada a inúmeros contextos e também a valores estéticos, mas esses atributos não devem ser os únicos a serem levados em consideração dado que a paisagem de um lugar também pode ser interpretada como o reflexo da produção social ao longo da história (CIVALE, 2021, p. 112). O autor também aponta que as “cidades brasileiras guardam quase que exclusivamente a memória do seu passado colonial mas também de projetos de modernização que ocorreram no país ao longo do século XX, porém, seja se tratando do passado colonial ou do passado moderno, algumas cidades são privilegiadas em detrimento de outras, principalmente pelo seu potencial

mercadológico” (CIVALE, 2021, p.123). Desta forma, ao analisar Ouro Preto no período compreendido entre a transferência da capital para Belo Horizonte e a instalação das primeiras atividades industriais na localidade, ou seja, entre 1897 e

1950, percebe-se que mesmo com o notável declínio econômico e a decorrente decadência urbana, a localidade atraiu a atenção de intelectuais, artistas e instituições políticas e financeiras pelo seu conjunto paisagístico ser passível de singularização, ou seja, não ser reproduzido em nenhum outro lugar, e a sua configuração territorial ser passível de exploração econômica, dado que elementos naturais e artificiais presentes no espaço territorial municipal já possuíam à época um potencial mercadológico. Neste contexto, AGUIAR (2016, p.89) aponta que:

As práticas de seleção e preservação do patrimônio cultural em Ouro Preto iniciaram-se no ano de 1926, quando o governo do estado de Minas Gerais designou verbas para a conservação de monumentos históricos e artísticos em algumas cidades mineiras. Em julho de 1928, Gustavo Barroso, diretor do Museu Histórico Nacional, visitou a cidade e constatou o alarmante estado em que se encontravam algumas das suas principais construções. “Caíra o telhado da Igreja do Rosário, que as chuvas arruinavam dia a dia e viera abaixo o mirante e metade da cobertura da famosa Casa dos Contos. Terminava a administração municipal a criminosa demolição da Casa de Marília de Dirceu” (Anais, 1944: 6). A partir da exposição desse quadro por parte do diretor do MHN ao governo de Minas Gerais, foram liberadas verbas com as quais seriam restaurados alguns desses monumentos, ficando sob sua responsabilidade a supervisão das reformas que seriam executadas.

Desta maneira, com as primeiras observações sobre a importância e singularidade paisagística de Ouro Preto, se iniciaram as primeiras medidas de preservação na localidade mediadas pelo estado brasileiro e suas variadas instâncias, com a criação de órgãos e juntas técnicas que seriam responsáveis pela manutenção e preservação de características selecionadas no espaço geográfico local, já nas primeiras décadas do século XX.

Estas medidas culminariam na forma como a cidade seria gerida nas décadas posteriores e definiria o papel que Ouro Preto desempenharia no contexto nacional a partir de então, o que tornou a Ouro Preto atual um fruto da narrativa histórica da contemporaneidade do século XX, na contramão da apresentação da cidade de Ouro Preto como um espaço urbano propriamente colonial. A narrativa que rememora o passado colonial de Ouro Preto ancora o discurso de preservação do seu conjunto paisagístico de origem colonial na contemporaneidade, com bases em sua

singularização, buscando desvincular o perímetro definido a ser tombado da configuração territorial na qual este se insere, criando com isso espaços urbanos distintos dentro da localidade. SALGADO (2013, p.19) nos diz que a criação do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - SPHAN no ano de 1937 foi

fundamental para a sustentação do projeto modernista perpetrado pelo Estado Novo, que se engajou em “criar” um passado para a nação brasileira elegendo monumentos e edificações a serem tombados como patrimônio nacional, o que no caso específico da cidade de Ouro Preto, levou ao remodelamento do espaço territorial local a partir dos anos 1930. Sobre esta questão, AGUIAR (2016, p. 94) aponta que

A consagração do estilo colonial mineiro e a construção de uma nova representação para Ouro Preto como cidade-monumento em princípios do século XX, são fatores fundamentais para a compreensão das intervenções orientadas pelo IPHAN em suas primeiras décadas de atuação na cidade. As obras realizadas buscavam incessantemente a manutenção de uma unidade estilística e, para que esta fosse possível, tornaram-se comuns as reformas que buscaram suprimir os acréscimos realizados ao longo do século XIX. Nas palavras de Lia Motta, “a obsessão em congelar a arquitetura de Ouro Preto acabou por promover uma descaracterização e falsificação da paisagem urbana” (Motta, 1987: 122). Essa atuação contribuiu para a construção de uma imagem para a cidade apoiada em determinadas características do século XVIII colonial, presentes em parte de seus imóveis e multiplicadas para todo o conjunto urbano. Por outro lado, buscava-se apagar qualquer marca que pudesse remeter a períodos posteriores.

Para MILTON SANTOS (2006, p.61) “A evolução que marca as etapas do processo de trabalho e das relações sociais, marcam também as mudanças verificadas no espaço geográfico, tanto morfológicamente quanto do ponto de vista das funções e dos processos” e observa-se essa evolução na configuração territorial de Ouro Preto quando se toma como base de interpretação os diferentes processos que culminaram na morfologia urbana da cidade, e estas, não necessariamente remetem apenas ao período colonial, mas também, a etapas temporais posteriores a ele, e as remanescências destas etapas emergem na paisagem local como manifestações de ações e processos de produção técnica e espaciais que cumprem funções às vezes divergentes, porém racionalizadas, cujas determinações implicam em retalhes territoriais na cidade que desembocam no seu desenvolvimento geográfico desigual.

A maior discrepância desse sistema de (re)construção espacial é perceptível quando se observa e compara o abastecimento de serviços urbanos e aparatos econômicos e políticos entre o perímetro tombado

inscrito na Lista de Patrimônios da Humanidade da UNESCO em 1980 e as áreas que a ele se vinculam em relação com as suas adjacências, que é composta por bairros periféricos cujas demandas e dinâmicas se dão conforme as necessidades de reprodução de meios de vida da sua

população, e não à dinâmica de reprodução e acumulação de capital. Isso leva à crítica de como a construção da imagem de uma Ouro Preto colonial durante o século XX influenciou diretamente na (re)construção do espaço geográfico local, e isso vem afetando as formas de ocupação, permanência ou saída da população local de determinadas áreas da cidade, devido à imbricação dessa dinâmica espacial com a economia ligada à posse da terra e ao setor imobiliário. Em conclusão a sua análise sobre a paisagem urbana, memória e patrimônio CIVALE (2021, p.125) aponta que geralmente os interesses econômicos de grupos que dizem defender a valorização do patrimônio não se vinculam à utilização destes espaços como um espaço público, e tampouco propõe valorizar a sua utilização vinculada à cidadania. Assim, aponta o autor, há um problema em se conservar patrimônios sem relacioná-los à sua importância para identidade local, e um dos problemas oriundos desta abordagem de preservação é o apagamento dos conflitos que compõem esse espaço no decorrer de sua construção.

No caso de Ouro Preto, é notável que os problemas de acesso à moradia por parte da população local são agravados pelos processos de tombamento e políticas urbanas ocorridas nas primeiras décadas do século XX e durante as décadas posteriores, que dado o congelamento de parte da sede municipal e a reprodução de um modelo paisagístico homogeneizado que rememorava a arquitetura setecentista, levaram à inscrição de Ouro Preto na lista de Patrimônios da Humanidade da UNESCO no ano de 1980. Estas políticas buscaram isolar o perímetro estabelecido como área a ser preservada, como um território distinto do tecido urbano total da cidade, dando a este espaço uma dinâmica diferente e divergente das demandas da população local, o que leva ainda na contemporaneidade parcelas populacionais menos favorecidas economicamente a ocuparem as áreas ao redor desta porção selecionada do espaço urbano do município.

Quando analisamos este isolamento do perímetro urbano de origem colonial em Ouro Preto, é notável como este está intimamente vinculado às formas de reprodução da dinâmica capitalista de acumulação no espaço, que singulariza áreas e nelas estabelece a dinâmica de acúmulo de estruturas físicas, econômicas e políticas que atuam em favor de sua

dinâmica de reprodução, e por isso gera escassez desses mesmos recursos em outras áreas localizadas a sua periferia.

Se tratando de habitação, em Ouro Preto a questão é um problema latente, e

está intimamente ligado ao processo de produção de riqueza vinculada à posse da terra, que se imbrica à demanda por áreas propícias a loteamentos e fomenta uma dinâmica de encarecimento das áreas disponíveis a parcelamento localizadas na sede do município, e também em alguns dos distritos da cidade, levando à concentração de terrenos e casas em poder de grupos locais de empresários e empreendimentos imobiliários e hoteleiros. Dentro desta dinâmica, vale ressaltar a compreensão do conceito de gentrificação, que segundo NEIL SMITH (1988, p.7) é definido como

o processo de enobrecimento urbano, em que pessoas mais abastadas migram para as áreas centrais das cidades, promovendo a reforma e a recuperação de habitações e /ou de áreas dilapidadas ou degradadas, substituindo os locatários de nível sócio-econômico mais baixo que aí moravam. Esse processo ocorre mormente nas áreas centrais das grandes cidades porque pessoas desejam ter acesso mais fácil aos seus empregos e às facilidades de lazer no centro urbano.

Esse enobrecimento pode ser notado em Ouro Preto na forma destacada por RIBEIRO (2016, p. 7) como uma renovação criativa das cidades com desenvolvimento de estruturas que absorvem excedentes de capital. Em Ouro Preto, essa renovação se dá de modo que o poder público remodela áreas com a finalidade de atrair investimentos e/ou potencializar investimentos já existentes, de modo a gerar expansões de relações econômicas.

A linha cronológica a seguir apresenta as políticas urbanas mais importantes que colaboraram com a morfologia urbana da Ouro Preto contemporânea, trazendo informações sobre a gestão municipal do espaço urbano de Ouro Preto pelo poder público em diferentes escalas.

Figura 2 - Linha Cronológica das políticas urbanas de Ouro Preto entre 1933 a 2021

Linha cronológica das políticas urbanas de Ouro Preto-MG de 1933 a 2021



Autori Santos, Marcelo F. Sabino dos.
2022

Fonte: O Autor, 2022.

A linha cronológica apresentada acima resume décadas de toda uma estrutura legal que existe por trás da estrutura econômica de Ouro Preto, variando em escala e

dimensões de poder. Estas políticas influem diretamente na (re) construção do espaço urbano da cidade há décadas e influenciam as formas que os grupos que atuam na cidade se apropriam do espaço urbano local e nele constroem suas relações de poder, que se desenrolam em um conjunto de narrativas e ações que colaboram para a exaltação ou o apagamento daquilo que lhes convém dentro do contexto espacial local.

Sobre os conflitos existentes na construção do espaço, o apagamento dos mesmos citados por CIVALE (2021) podem ser notados em Ouro Preto na sistemática valorização da história colonial e dos estilos artísticos europeus encontrados em monumentos da cidade, bem como, a valorização e espetacularização do estilo arquitetônico luso brasileiro que compõe a estrutura urbana tombada, que vem fomentando dezenas de estudos de especialistas de diversas áreas há décadas, com uma incipiente mudança de análise que se volta aos outros agentes de construção deste espaço como as populações pretas e os seus descendentes, sendo estes últimos agentes atuantes na cidade na atualidade e os responsáveis pela construção da configuração territorial local contemporânea de forma mais efusiva, a despeito de serem ignorados pela maioria dos estudos feitos sobre a urbanização de Ouro Preto, ou de cidades históricas no geral.

A preservação de parte da cidade de Ouro Preto e a delimitação territorial de uma área a ser preservada, vem influenciando diretamente nas formas de ocupação e habitação em todo o território municipal, na circulação de pessoas e nos usos e apropriações dos espaços públicos por sua população, e devido ao histórico de exclusão da população preta no Brasil, cabe a avaliação de como a cidade de Ouro Preto contemporânea abriga a sua parcela populacional preta e como o poder público com ela se relaciona.

Desta forma, se faz necessário compreender a dinâmica territorial da cidade e os fenômenos que a impulsionam, o que auxilia no esclarecimento de questões problemáticas de nível local como o acesso à moradia e aparatos urbanos por essa mesma população, por exemplo.

Pelo fato da busca pelo apagamento da história negra ser sistêmico no Brasil, e muito pouco ainda a literatura tratar diretamente sobre a

contribuição desta população na construção de espaços urbanos, é notável que esta exclusão se interliga a uma tentativa de supressão das demandas por moradia, locomoção, saúde, serviços

e direito à cidade desta parcela populacional nas cidades contemporâneas, classificação esta que também cabe a Ouro Preto, pois o município não é um espaço congelado no tempo, e possui aspectos conflituosos de apropriação e permanência no espaço como as demais cidades brasileiras modernas, apesar da insistência de alguns setores da sociedade em se destacar a singularidade de Ouro Preto como cidade colonial, uma característica que a distinguiria das demais cidades modernas no que diz respeito a demandas urbanas.

Esta relação é demonstrada por COSTA (2011, p.16) que aponta o quanto se faz marcante no século XXI as relações entre os governos locais das chamadas ‘cidades históricas’ e instâncias internacionais como a UNESCO, por exemplo, que são as pontes de ligação entre discursos e ações orientadas pelo que MILTON SANTOS (2000) denomina de *inteligência global*. MILTON SANTOS (2000, p.49) classifica essa inteligência global como “ações de avaliação econômica exercidas por mecanismos de contabilidade, que também atuam em nível global avaliando e medindo economias nacionais”. Em sua tese, COSTA (2011, p. 16) apresenta como essa inteligência se correlaciona ao reordenamento territorial das denominadas cidades históricas de Minas Gerais através das políticas de patrimônio, que o autor classifica como a principal influência para a criação de uma patrimonialização global. Resumindo, essa avaliação é importante para que o capital seja produzido em determinados espaços, e colabora implicitamente com a escolha de quais os melhores espaços em que este deve se reproduzir, e no que tange a cidades históricas, é importante frisar que a narrativa de preservação encobre ações que tem por finalidade remodelar espaços urbanos com a finalidade de fluidez de capital, sob o verniz da preservação patrimonial. Assim, deduz-se aqui que a inscrição de locais e monumentos na listagem de patrimônios da humanidade da UNESCO tem, também de forma implícita, a finalidade de catalogação de locus nos quais determinados setores podem transferir riqueza, e investir de forma a reproduzir e acumular capital.

Neste mesmo contexto, pode-se destacar o estudo de SASSEN (2016) que denuncia que após os anos 1980, o sistema capitalista sofreu profundas alterações em suas dinâmicas de expansão e exploração de recursos naturais e humanos, e que as expulsões de populações humanas

e não humanas de áreas de interesse econômico em todo o planeta se intensificou a partir de então, ancoradas ao mercado financeiro em uma escala global.

Assim, em Ouro Preto, é possível perceber a correlação desta dinâmica no encarecimento do solo e do custo de vida nas áreas próximas ao perímetro tombado e inscrito na lista de Patrimônios da Humanidade da UNESCO em 1980, por estes locais terem se tornado um espaço de investimentos de infraestruturas e serviços que levaram ao encarecimento do custo de vida e acesso à moradia, fator que leva a ocupações cada vez mais intensas de áreas pouco propícias a habitação no entorno dessa porção do espaço urbano da cidade pelas famílias de baixa renda local, devido a estas áreas não serem de interesse financeiro dos agentes capitalistas que atuam na cidade sob influência de dinâmicas sistêmicas.

Se tratando de moradia, FERNANDES, TORRES e FERREIRA (2018, p.52) apresentam a seguinte tabela com as faixas de valores praticados no primeiro semestre do ano de 2014, como resultado de uma análise estatístico-descritiva das variáveis que representam o mercado imobiliário para locação na cidade de Ouro Preto, como os preços dos imóveis, número de quartos, número de banheiros, número de vagas de garagens, distância em relação ao centro histórico e número de janelas por imóvel, cruzando essas informações com dados coletados nos sites das imobiliárias de Ouro Preto.

Tabela 1 - Mercado Imobiliário ouro-pretano conforme as faixas de valores de aluguéis

Intervalo (R\$)	Média nº de quartos	Média nº de banheiros	Média nº de vagas de garagem	Média de distância em relação ao centro histórico	Média distância em relação a UFOP	Média condição do imóvel	Quantidade e de variáveis	Distribuição por bairros
450 a 600	1,75	1	0	1,83 Km	1,78 Km	3,75	4	Alto da Cruz, S. Cristóvão Centro e V.Aparecida
601 a 1.200	2,13	1,11	0,31	2,32 Km	2,96 Km	3,53	32	Água Limpa, Alto da Cruz, Antônio Dias, Bauxita, Jardim Itacolomy, N. S. do Carmo, Lagoa, Novo Horizonte. V.S José, V. Aparecida e Pilar
1,201 a 1.800	2,75	1,42	0,5	1,95 Km	2,39 Km	3,50	12	Água Limpa, Barra, Bauxita, Lagoa, S. Cristóvão e V. Aparecida
1.801 a 2.400	4,4	1,50	1	2,56 Km	3,5 Km	3,80	5	Água Limpa, Antônio Dias, N. Sra.do Carmo. Pilar e Vila Aparecida
2.401 a 3.000	1,71	2,43	1,43	2,09 Km	3,74 Km	3,71	7	Antônio Dias, Bauxit, Cabeças, N. Sra. Do Carmo, Pilar e S. Cristóvão

Fonte: FERNANDES, FERREIRA e TORRES, 2018, p. 54.

Tomando como base o salário mínimo brasileiro do ano de 2014, que estava no valor de R\$ 724,00 (setecentos e vinte e quatro reais),⁷ nota-se que no período em questão os aluguéis na cidade estavam muito acima da faixa de preço que uma pessoa com renda de apenas 1 salário mínimo poderia pagar, sendo o aluguel de uma residência com apenas 1 quarto mais que 60% do valor de um salário mínimo no ano em questão.

No levantamento realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística- IBGE no ano de 2010 em 20.331⁸ domicílios de Ouro Preto, há os seguintes registros

Tabela 2 - Pessoas de 10 anos ou mais de idade com rendimento de trabalho, ocupada na semana de referência

AMOSTRA-RENDIMENTO

Cor ou raça	Valor em Real (R\$)
Amarela	1.182,29
Branca	1.562,44
Indígena	989,59
Parda	930,99
Preta	950,00

Fonte: IBGE⁹

Analisando este levantamento, constata-se que pessoas pretas possuíam um rendimento médio inferior a brancos, pardos e amarelos na localidade no ano de 2010, e de acordo com a mesma pesquisa, 64% dos domicílios em Ouro Preto (13.067 de 20.331 consultados) tinham um rendimento mensal de 1 a 2 salários mínimos, e 65% dos domicílios consultados possuíam um rendimento de $\frac{1}{2}$ a 1 salário mínimo. Diante destas informações pode-se concluir que, segundo o censo de 2010, mais de 60% dos domicílios consultados em Ouro Preto possuíam rendimento abaixo de 3 salários

⁷ Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2013/decreto/d8166.htm> Acesso em: 02 abr 2022.

⁸ Disponível em <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/ouro-preto/pesquisa/23/22787?>>

detalhes=true> Acesso em: 04 mai 2022.

⁹ Disponível em <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/ouro-preto/pesquisa/23/22787?detalhes=true>> Acesso em: 04 mai 2022.

mínimos, e que nestes domicílios, o rendimento mensal das pessoas que se auto declararam pretas e que estavam ocupadas em trabalho remunerado na semana da coleta das informações, era o menor entre os outros recortes raciais.

DAVID HARVEY (2005, p.219) explana como a busca pelo monopólio por parte dos agentes capitalistas de produção singulariza lugares, obras de arte e objetos com a finalidade de mercantilizá-los e com isso obterem renda. Neste sentido, a realocação da cidade de Ouro Preto para o patamar simbólico de cidade monumento, logo na primeira metade do século XX, abriu margem para que as características urbanas locais mais as características naturais da região fossem exploradas por inúmeras atividades econômicas, que vão desde a hotelaria e turismo à especulação imobiliária pelo fato do conjunto paisagístico local ser singularizado, ou seja, não ser passível de reprodução em outros lugares.

Dessa forma, os processos de tombamento e patrimonialização em Ouro Preto sustentam toda uma dinâmica de produção capitalista em nível local, que vinculadas à uma estrutura global a partir do ano de 1980, encontrou no espaço a sua arena de ação, transformando-o e a ele agregando atividades conforme as suas demandas e interesses. Em *Cidades Rebeldes* (2014, p. 70), DAVID HARVEY também aponta que a partir dos anos 1980 a política urbana neoliberal (aplicada, por exemplo, em toda a União Europeia)

concluiu que a redistribuição da riqueza a bairros, cidades e regiões menos favorecidas era inútil, e que, em vez disso, os recursos deveriam ser canalizados para os polos de crescimento ‘empresarial’ mais dinâmicos” e que a urbanização desempenhou um papel crucial na absorção de excedentes de capital, e que o tem feito em escala geográfica cada vez maior mas ao preço de processos florescentes de destruição criativa que implicam na desapropriação das massas urbanas de todo e qualquer direito à cidade.

Em Ouro Preto, além de toda esta dinâmica de desapropriação ocorrer sob o verniz da preservação e conservação patrimonial, cabe ressaltar que o fator racial tende a pesar sobre as massas urbanas

desapropriadas, dado o histórico de correlação de exploração da população preta no local e as formas estruturais de exclusão desta parcela da população no Brasil, relações essas que não foram extintas após a abolição da escravatura no país, mas sim, ganharam novos desdobramentos

com o passar dos tempos no bojo de transformações sociais e também históricas pelos quais passou a sociedade brasileira.

Diante disso tudo, é possível constatar que as consequências da inscrição de Ouro Preto na lista de Patrimônios da Humanidade da UNESCO em 1980 foi a culminância em uma escala internacional de processos levados a cabo nos níveis local e nacional, e esta última fase trouxe consigo uma nova dinâmica ao espaço urbano de Ouro Preto por dar uma nova roupagem à exclusão histórica da população preta local por agregar os sistemas atuantes na cidade a uma escala mais ampla de tomadas de decisão, tornando as estruturas locais parcialmente dependentes de centros de decisão em esferas de poder maiores, o que resulta no escalonamento da tomada de decisões pelos agentes de comando locais que sofrem influências de esferas de comando longínquas.

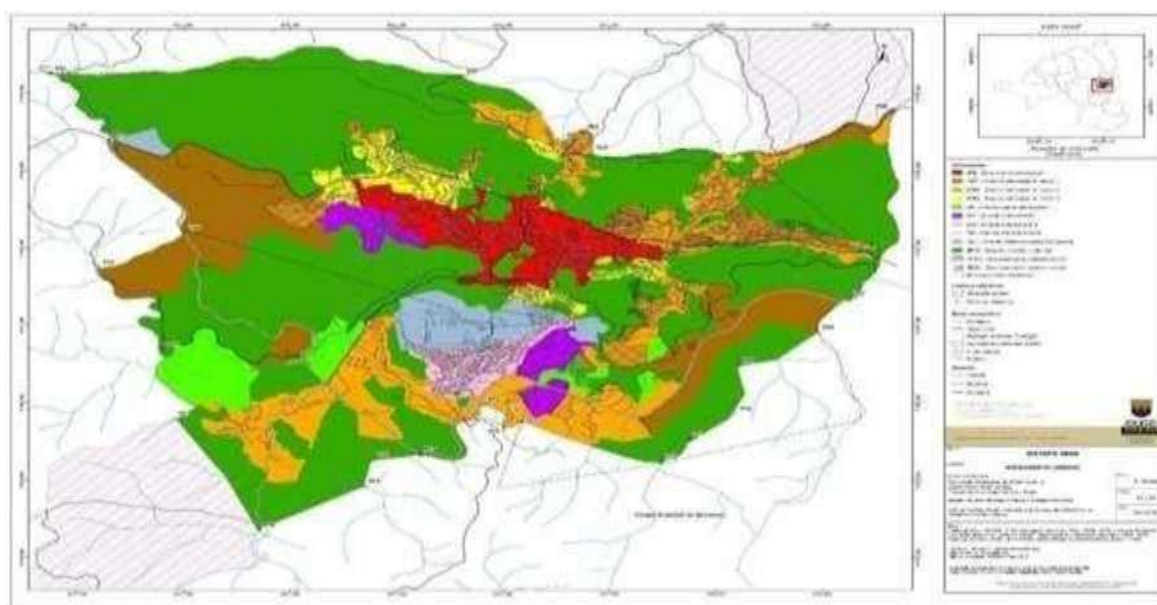
Com a gentrificação atuando como um vetor de espraiamento da população preta em Ouro Preto, levando a uma posterior concentração destas pessoas em determinadas áreas do município, nota-se um crescimento urbano desigual na sede municipal, com localidades contando com áreas modernas e muito bem estruturadas, planejadas e bem servidas de serviços públicos, correlacionadas e alinhadas ao centro histórico de uma forma orgânica como os bairros Vila São José, Jardim Alvorada e Nossa Senhora de Lourdes, por exemplo, enquanto existem áreas precárias e com os serviços básicos como acesso a água e esgoto deficientes, como os bairros São Francisco, São Cristovão e Caminho da Fábrica, dentre outros.

Ainda se tratando de moradia, pode-se citar que os programas de habitação existentes em Ouro Preto, de acordo com REIS (2017, p.34), buscam atenuar o déficit habitacional local propondo colocar em segurança os habitantes que vivem em áreas sujeitas a deslizamentos. O autor aponta que estes programas são acordos entre o governo municipal e governo federal, e dentre os quais, pode-se destacar o Programa de Urbanização e Integração de Assentamentos que foi desenvolvido para construir casas populares em bairros e distritos de Ouro Preto como o bairro Santa Cruz e os distritos de Cachoeira do Campo, Antônio Pereira e Santa Rita. O que vale observar neste ponto é o fato destes projetos governamentais não considerarem a possibilidade de permanência desta

parcela da população, na sede municipal, dado que na parte sul da cidade existem áreas loteadas com fácil acesso à rodovia BR-356, rodovia essa que corta a cidade em duas porções (no sentido leste-oeste para quem vem de Belo

Horizonte) interligando os dois flancos da Serra do Espinhaço (o flanco norte chamado de Serra do Ouro Preto e o flanco sul denominado Serra do Itacolomi). A imagem a seguir (mapa 1) está no plano diretor de Ouro Preto e mostra as zonas de aglomeração habitacional e de expansão da sede municipal.

Mapa 1 - Mapa do zoneamento da cidade de Ouro Preto



Fonte: Plano Diretor de Ouro Preto (MG)¹⁰

Em destaque na cor vermelha tem-se o perímetro tombado estabelecido pela Unesco e classificado no plano diretor como uma Zona de Proteção Especial-ZPE. Essa área foi estabelecida em 1980, ano no qual a cidade foi declarada Patrimônio Mundial e se tornou o primeiro bem cultural brasileiro inscrito na lista do Patrimônio Mundial. No mapa apresentado, também merecem destaque as zonas de adensamentos restritos-ZAR, representadas nas cores marrom, laranja, amarelo, roxo e rosa. Em roxo e rosa temos as Zonas de adensamentos 1 e 2 respectivamente, sendo estas áreas na qual ocorrem novas construções e parcelamentos do solo, e em verde tem-se áreas de proteção ambiental. A imagem abaixo apresenta a sede municipal e seus principais elementos de referência espacial

Ao analisarmos em conjunto tanto a imagem do plano diretor quanto a imagem de satélite (figura 03), alguns elementos se destacam na composição urbana da sede municipal de Ouro Preto. Na porção sul da

cidade tem-se instituições federais de

¹⁰ Plano Diretor de Ouro Preto <<https://planodiretor.ouopreto.mg.gov.br/mapas>> acessado em 09 de dezembro de 2022.

ensino, a citar o Instituto Federal de Minas Gerais-IFMG e a Universidade Federal de Ouro Preto-UFOP. Estas duas instituições são também um fator de aumento no preço dos aluguéis e serviços nos bairros da região na qual se localizam, como apontam FERNANDES, TORRES e FERREIRA (2018, p.51) que indicam como o preço do aluguel é mais caro quando se leva em consideração a proximidade do centro histórico ou da UFOP e IFMG.

Figura 3 - Imagem de satélite da sede municipal de Ouro Preto-MG



Fonte: Google Earth, 2022.¹¹

Na porção sul de Ouro Preto, tem-se a BR-356 e em seus arredores o setor terciário vem se intensificando, com destaque para franquias de hipermercados que se instalaram em suas margens e bairros oriundos de ocupações recentes que vem surgindo no entorno deste trecho de rodovia. Atualmente, a fábrica de alumínio não é mais um fator de relevância para a expansão habitacional na cidade, sendo as instituições de ensino, juntamente com o setor de serviços, os motores que impulsionam o parcelamento do solo na sede municipal da Ouro Preto contemporânea.

Na porção norte da cidade, no entorno do perímetro tombado e ao longo da Serra de Ouro Preto, tem-se áreas densamente ocupadas, sendo algumas delas

¹¹ Software desenvolvido pelo Google que permite a visualização, salvamento e navegação por áreas de todo o planeta de forma a compreender e visualizar detalhes geográficos em três dimensões-3D.

propensas a movimentos de massa. Essa porção do território municipal é composta pelas áreas de ocupação urbana mais antigas do município e mesmo que espacialmente restritas, há uma intensificação de ocupações em inúmeros locais, como mostra a imagem abaixo (figura 4) fornecida pela Defesa Civil de Ouro Preto no ano de 2022.

Figura 4 - Áreas de risco em Ouro Preto-MG



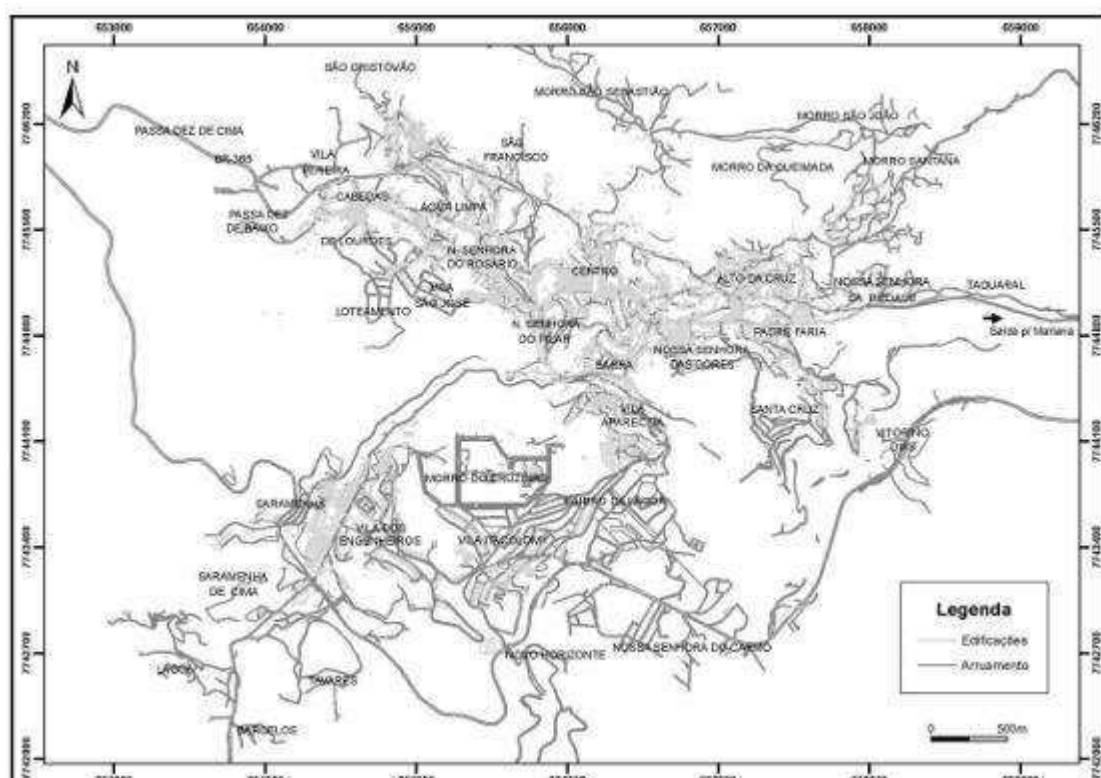
Fonte: Defesa Civil de Ouro Preto¹²

Em destaque na imagem são apresentadas as áreas de risco na sede municipal de Ouro Preto no ano de 2022. Na imagem, é notável que as áreas de maior risco geológico estão situadas no flanco norte da serra, local que concentra a maior parte da população municipal. Como pode-se aferir na imagem a seguir (mapa 2) presente em CASTRO (2006, p.9), a região com maior concentração de edificações da porção norte da cidade possui menor presença de arruamentos, fato este que ocorreu devido ao tipo de ocupação que se deu na área ao longo dos séculos, que durante um longo período contou com menor planejamento e alta demanda de habitação, de acordo com as necessidades de estabelecimento da população conforme a demanda econômica vigente. É nessa porção do território de Ouro Preto que se situa o perímetro tombado estabelecido pela UNESCO em 1980, bem como, os bairros mais tradicionais e antigos da cidade como o Antônio Dias, Alto da Cruz, Pilar, Rosário, os morros São Sebastião e Santana, Piedade, Caminho da Fábrica, Barra e São

¹² Disponível em: <https://defesacivil.ouopreto.mg.gov.br/#mapas>. Acesso em 10 dez 2022.

Cristóvão.

Mapa 2 - Ocupação urbana de Ouro Preto



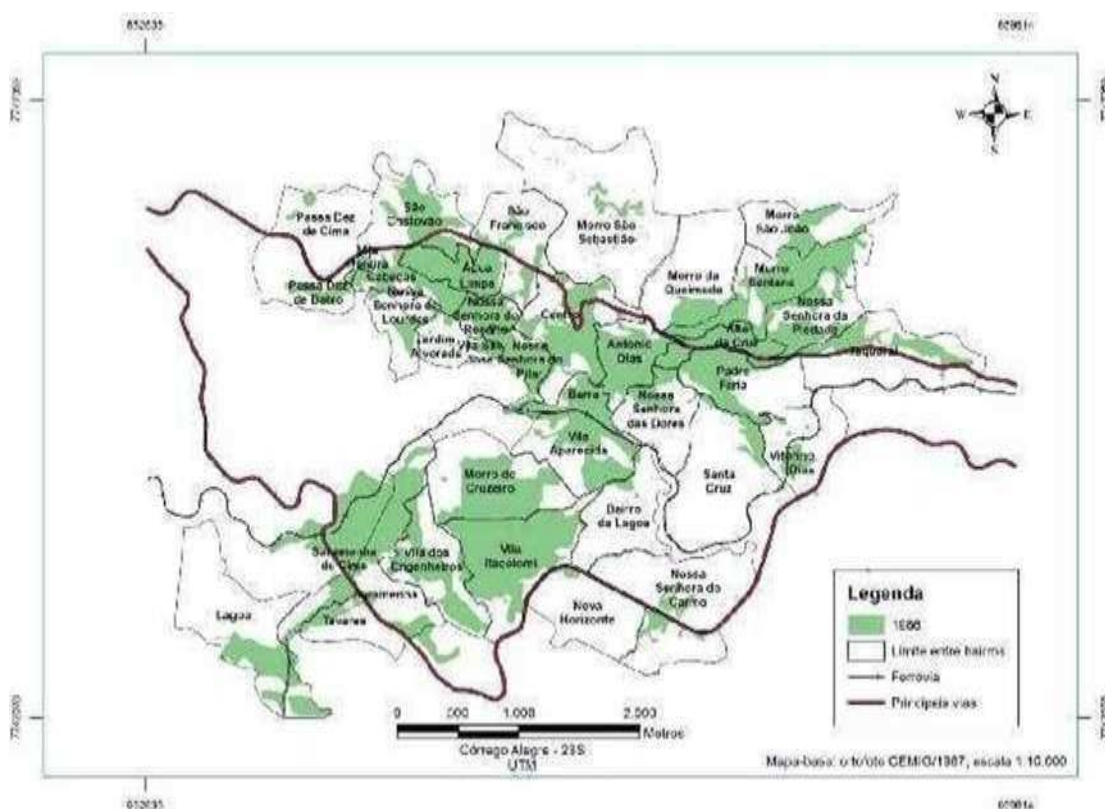
Fonte: Castro, 2006, p. 9.

Na porção sul da cidade, ainda de acordo com o mapa 2, ocorre o oposto, e há maior presença de arruamentos e menor densidade populacional. Isso se deve ao fato do local ser composto por bairros mais recentes e abrigar a porção moderna da cidade, com presença de mini-prédios e casas modernas, além da UFOP e do IFMG mais a fábrica de alumínio que ainda está em operação se situarem na área. Nesta área da sede municipal, há a intensificação do parcelamento do solo e da gentrificação, com destaque para bairros que surgiram ou se expandiram nos últimos 50 anos como os bairros Bauxita, Novo Horizonte, Tavares, Pocinho, Lagoa e Saramenha. As imagens a seguir apresentam a expansão habitacional em Ouro Preto a partir dos anos 1950, e estão presentes em OLIVEIRA & SOBREIRA (2015).

¹³ Lei nº 5.540 de 28/11/1968. Acessível em: <<http://www.planalto.gov.br>>

este transferiu sua estrutura de Ouro Preto para Belo Horizonte. O estabelecimento dessas duas instituições federais na localidade foram um dos vetores de aceleração das ocupações do seu entorno a partir dos anos 1960. O mapa 4 apresenta o panorama da cidade na década de 1980.

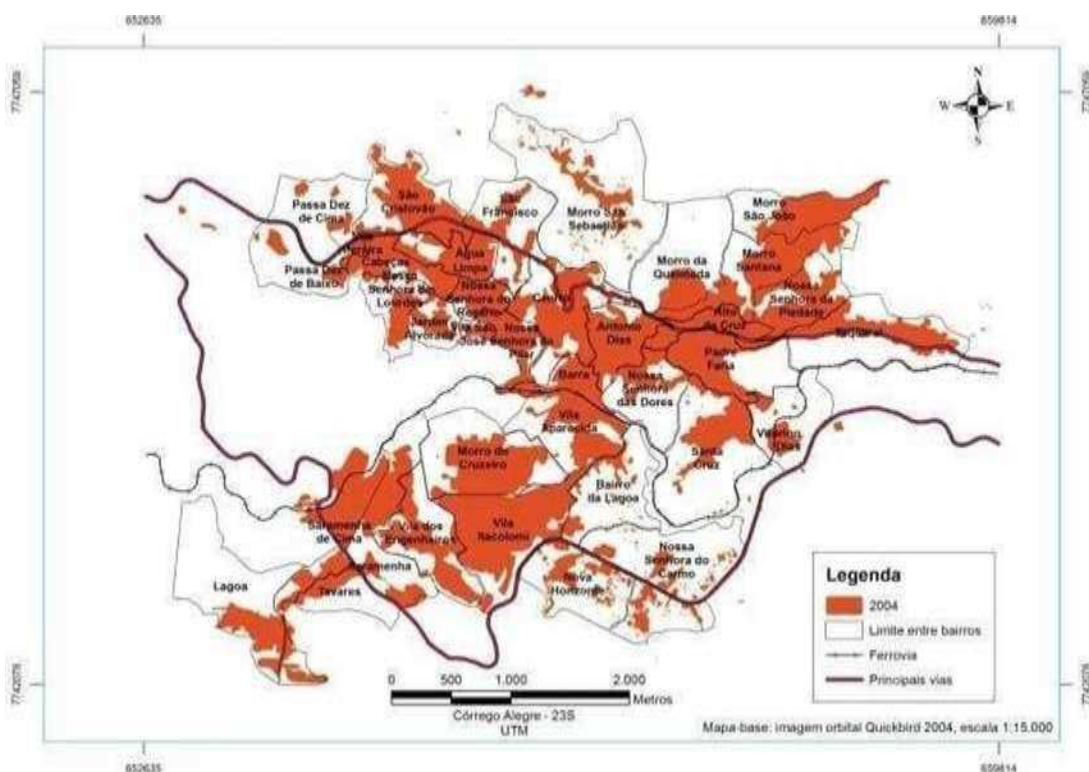
Mapa 4 - Área urbana em 1986



Fonte: Oliveira, 2010, p. 88.

O mapa 4 apresenta o panorama da sede municipal de Ouro Preto em 1986, com novos bairros estabelecidos na porção sul da localidade. Como mostra a imagem, a BR-356 foi ampliada em uma bifurcação e no seu entorno da porção sul surgiram novos adensamentos habitacionais. O mapa 5 apresenta o panorama urbano da sede municipal de Ouro Preto nos anos 2000.

Mapa 5 - Área urbana em 2004



Fonte: Oliveira, 2010, p. 92.

No mapa 5, que apresenta a sede municipal de Ouro Preto em 2004, é possível notar como a cidade se expandiu no sentido sul nos últimos 70 anos e a forma como os bairros já habitados na porção norte também mantiveram uma taxa de crescimento perceptível devido às transformações econômicas e sociais ocorridas na localidade a partir dos anos 1950, já citadas aqui, como a introdução da fábrica de alumínio, além da criação da UFOP e a instituição da Escola Técnica, atual IFMG campus Ouro Preto. Vale considerar que a partir dos anos 1980 o turismo se tornou um propulsor do ordenamento urbano na cidade dado que, com a inscrição de Ouro Preto na lista de Patrimônios da Humanidade da UNESCO houve um conjunto de reformulações espaciais que beneficiaram este setor, como a melhoria da estrada que liga a cidade à capital do estado, o estabelecimento do perímetro de tombamento e incentivos ao estabelecimento de empresas ligadas ao setor terciário por parte do poder público municipal. Desta forma, nos anos 2000 o setor secundário que outrora foi um motor de impulso da economia local de Ouro Preto encolheu, sendo as atividades industriais incentivadas no município

apenas aquelas vinculadas à extração mineral,

que tem suas estruturas localizadas fora da sede municipal.

Se tratando de divisões territoriais, cabe ressaltar que este trabalho leva em consideração, e se baseia, nas informações fornecidas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística-IBGE, que em suas pesquisas de levantamento de informações utiliza como base um sistema integrado de mapas e bancos de dados que são alimentados e mantidos com metodologias próprias da instituição, com a finalidade de atualização, apuração e divulgação de informações referentes aos censos demográficos brasileiros. Esta pesquisa também se ancorou na divisão municipal estabelecida pela Lei Municipal 1.181 de 2020, a chamada Lei de Bairros, que estabeleceu os limites oficiais dos bairros na sede municipal de Ouro Preto.

Desta forma, analisando os recortes espaciais classificados pelo IBGE¹⁴ como setores censitários, que segundo a definição da mesma são [...]

a unidade territorial de controle cadastral da coleta, constituída por áreas contíguas, respeitando-se os limites da divisão político-administrativa, dos quadros urbano e rural legal e de outras estruturas territoriais de interesse, além dos parâmetros de dimensão mais adequados à operação de coleta [de dados] se torna possível a obtenção de informações sobre a população e suas características relacionadas à sua distribuição espacial. Uma outra definição sobre esses recortes espaciais pode ser dada como setores censitários serem a menor porção territorial utilizada pelo IBGE para planejar e realizar levantamentos de dados do Censo e Pesquisas Estatísticas sendo estes correspondentes a um recorte do território nacional, considerando a Divisão Político-Administrativa e outras estruturas territoriais, o que permite o levantamento das informações estatísticas dentro do prazo determinado para a coleta.¹⁵

Ouro Preto, como um município situado na mesorregião metropolitana de Belo Horizonte e na região imediata de Santa Bárbara-Ouro Preto segundo o IBGE, apresentou no ano de 2010 em sua área territorial total de 1.245,865 km² uma densidade demográfica de 56,41 habitantes por quilômetros quadrados e uma população de 70.281 habitantes, como já apresentado anteriormente. A estimativa de população do município no ano de 2021 era de 74.824 pessoas. No ano de 2019,

¹⁴ Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/apps/snig/v1/notas_metodologicas.html?loc=0> Acesso em 19 mar 2022.

¹⁵ Disponível em <<https://www.ibge.gov.br/geociencias/organizacao-do-territorio/malhas-territoriais/26565-malhas-de-setores-censitarios-divisoes-intramunicipais.html?=&t=o-que-e>> Acesso em 19 mar 2022.

havia em Ouro Preto uma taxa de ocupação de 26,8%, com uma média salarial dos trabalhadores formais de 3,1 salários mínimos por mês.¹⁶ Cerca de 15% de sua população se autodeclarou preta¹⁷ e 51% da população se autodeclarou parda¹⁸ (censo de 2010), o que torna a Ouro Preto contemporânea um município com uma população majoritária de afrodescendentes. Os setores censitários de Ouro Preto em que estas informações foram levantadas são divididos da seguinte maneira (mapa 6)

Mapa 6 - Setores censitários de Ouro Preto (MG)



Fonte: O autor, 2022.

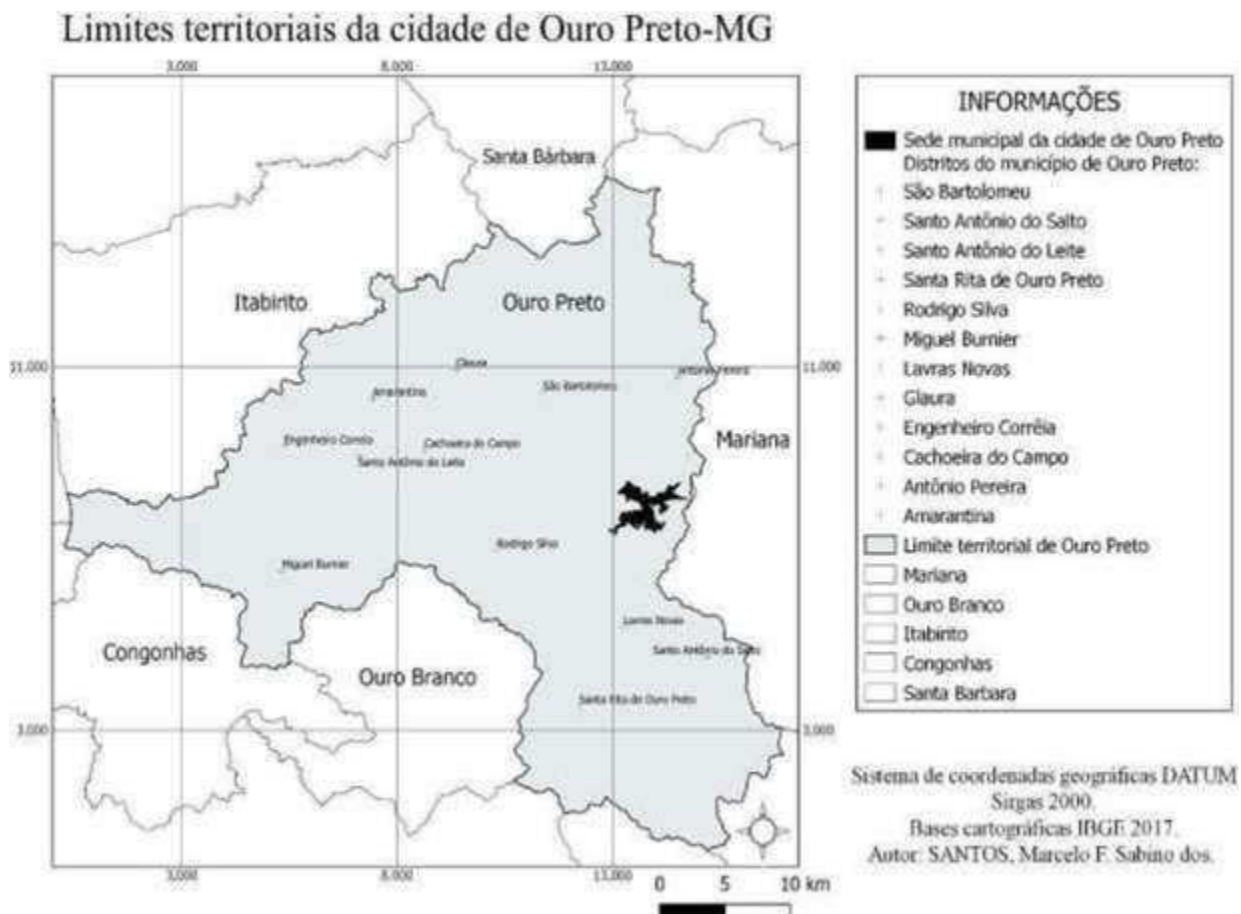
Sendo a divisão administrativa do município se configura conforme apresentada no mapa 7 a seguir :

¹⁶ Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/ouro-preto/panorama>> Acesso em 22 mar 2022.

¹⁷ De acordo com o censo de 2010, de um total de 70.281 habitantes, 10.363 se autodeclararam pretos o que totaliza 14,74% da população. Disponível em <<https://sidra.ibge.gov.br/Tabela/136#resultado>> Acesso em 22 out 2021.

¹⁸ De acordo com o censo de 2010, de um total de 70.281 habitantes, 36.147 se autodeclararam pardos o que totaliza 51,4% da população. Disponível em <<https://sidra.ibge.gov.br/Tabela/136#resultado>> Acesso em 22 out 2021.

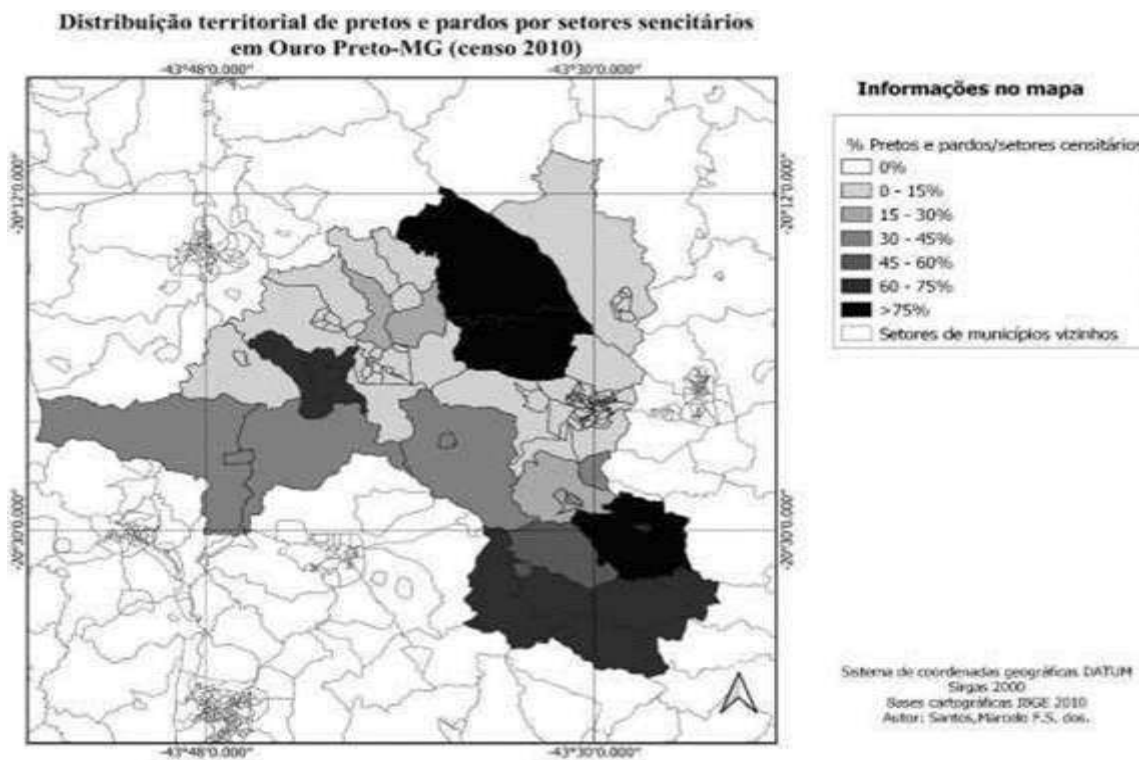
Mapa 7 - Limites territoriais da cidade Ouro Preto-MG



Fonte: O autor, 2021.

O mapa a seguir (mapa 8) apresenta a distribuição da população preta e parda no território municipal ouro-pretano por setores censitários conforme dados obtidos no censo de 2010.

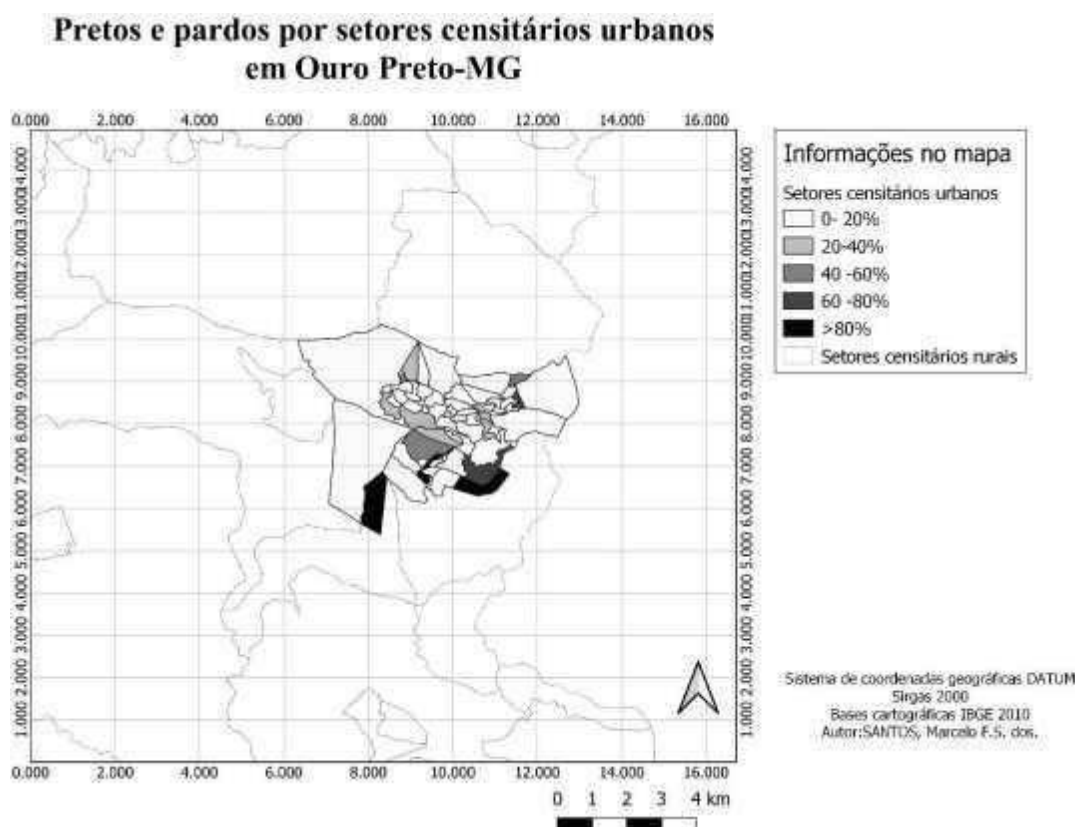
Mapa 8 - Distribuição territorial de pretos e pardos por setores censitários em Ouro Preto-MG (censo 2010)



Fonte: O autor, 2021.

O mapa apresentado acima (mapa 8) abarca os setores censitários urbanos e rurais da localidade, porém, o mapa a seguir (mapa 9) se restringe a apresentar a distribuição da população preta e parda em Ouro Preto apenas no setor urbano municipal, composto pela sede do distrito.

Mapa 9 - Pretos e pardos por setores censitários urbanos em Ouro Preto-MG



Fonte: O Autor, 2021.

Diante destas informações, se faz necessário e urgente uma análise geográfica da cidade histórica de Ouro Preto, levando-se em consideração o fator racial da sua população, pois todos os processos que configuram a morfologia territorial da cidade se vinculam a relações históricas, econômicas e sociais de construção e apropriação do espaço geográfico, bem como, nas relações de conflito e disputa entre os agentes que o constroem. Como é possível notar na cidade, há setores rurais e urbanos com maior concentração de população autodeclarada preta e parda no município, o que indica como o panorama de desenvolvimento urbano em Ouro Preto vem se configurando a partir do século XX. Como é notável na imagem acima, há setores como mais de 80% de população parda e preta na parte sul da sede municipal, porém, esses setores não foram selecionados para a realização dos trabalhos de campo por não se enquadrarem nos critérios de escolha de coleta de informações adotados neste trabalho, que levaram em consideração fatores de construção histórica e espacial diretamente vinculados ao flanco norte da Serra do

Espinhaço, que na

localidade municipal de Ouro Preto, é denominada Serra de Ouro Preto. Essa escolha se deu pela vulnerabilidade geológica da área e pela maior intensificação habitacional da região, com surgimento de áreas classificadas pelo IBGE como aglomerados subnormais, fato que não se observa na porção sul da cidade, e o que será discutido mais adiante. Entre os locais selecionados nesta pesquisa, temos as localidades do bairro São Cristovão, selecionado por ser um bairro afrodiapórico como aponta FÉLIX (2019), o bairro São Francisco, vizinho a este que é uma localidade de crescimento em uma área de vulnerabilidade geológica e no bairro Caminho da Fábrica que vem se adensando populacionalmente com ocupações desordenadas do solo.

Sobre a expansão urbana em Ouro Preto, OLIVEIRA & SOBREIRA (2015, p. 873) analisando o crescimento da cidade entre 1950 e 2004 constataram que a partir da década de 1980, a consolidação e profissionalização da atividade turística trouxe um novo impulso econômico à cidade e um aumento populacional de cerca de 48% (de 37.996 habitantes a 56.292 na área urbana). Apesar deste crescimento populacional, em 2004, a área urbana representou um total de 687 hectares, um crescimento de apenas 21% em relação ao levantamento de 1986.

Os mesmos autores também apontam que chama a atenção na mancha urbana da cidade de Ouro Preto em 2004 a expansão da cidade se dando principalmente nas margens da MG- 356. Em função do esgotamento de áreas para ocupação nos núcleos de crescimento até a década de 1990 -Serra de Ouro Preto, vale central e adjacências da Alcan - as novas frentes de ocupação se transferiram para as margens da rodovia.

Com bairros densamente povoados cortando as suas margens, a BR-356 corta a sede municipal de Ouro Preto e se bifurca no sentido Belo Horizonte para Ouro Preto. A rodovia é de grande importância para a cidade e facilita a mobilidade de pessoas, mercadorias e também colabora com o aumento no fluxo de visitantes, dado que esta é a via de ligação direta de Ouro Preto com a atual capital do estado.

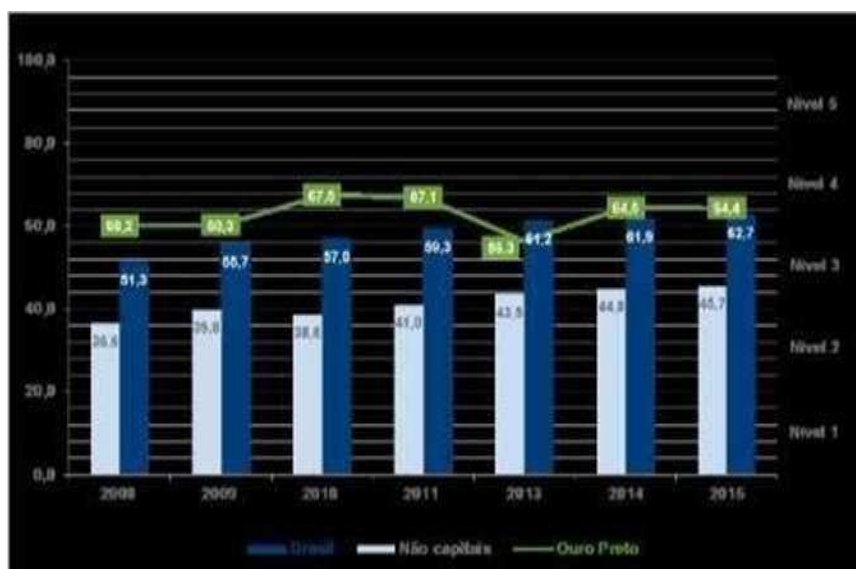
No que tange ao turismo, esta atividade pode ser entendida como o “deslocamento de pessoas de uma região à outra por tempo limitado, com o objetivo de satisfazer uma ou mais necessidades, retornando

posteriormente ao seu local de origem” na definição de BARROS et al. (2008, p.2). Em Ouro Preto, pela necessidade de deslocamento e permanência temporária de visitantes na cidade com a finalidade de visitação, surgiram demandas por serviços essenciais ao desenvolvimento da atividade turística como serviços de alimentao, hospedagem, segurança,

informações, transporte, comércio, etc. serviços esses que geram modificações na comunidade local. BARROS et al. (2008, p.12) nos diz que a atividade turística por ser abrangente e unir variados segmentos econômicos, é uma atividade multiplicadora de empresas, em especial as micro, pequenas e médias empresas, tornando-se um campo muito favorável ao empreendedorismo.

O Índice de competitividade nacional do turismo-Ouro Preto 2015 apontou Ouro Preto como um dos maiores destinos turísticos do país e uma das 65 cidades brasileiras com maior competitividade no setor, colocando a cidade no índice de avaliação *Capacidade empresarial* em um grau acima da média nacional, como demonstra o gráfico abaixo (gráfico 3) presente em FGV et al. (2015, p.36).

Gráfico 3 - Índices de Capacidade empresarial – destino x Brasil x não capitais: 2008- 2015



Fonte: FGV/MTUR/SEBRAE, 2015, p. 37.

Neste índice, os fatores avaliados que apresentaram relevância para o resultado obtido, segundo FGV et. al. (2015, p. 37) foram:

- Presença de instituições de ensino com programas regulares de formação técnica e formação superior, como: SESC, SENAC, IFMG, UFOP, entre outras.
- Presença de redes nacionais de locação de automóveis: Localiza.

- Presença de redes nacionais e internacionais de alimentos e bebidas: Subway, Cacau Show, Brasil Cacau;
- O fato de ter sido oferecido no destino, no ano anterior, cursos do EMPRETEC, que ajuda a fomentar o empreendedorismo local.

Sendo os aspectos sociais levados em conta por FGV et. al. (2015, p.37) os seguintes

- Acesso à educação;
- Empregos gerados pelo turismo;
- Uso de atrativos e equipamentos turísticos pela população;
- Cidadania, sensibilização e participação na atividade turística;
- Política de enfrentamento e prevenção à exploração de crianças e adolescentes;

Os resultados obtidos na pesquisa citada acima não apresentam respostas sobre a distribuição da renda gerada pela atividade turística entre a população das localidades voltadas a esta atividade, e por isso não permitem uma avaliação da dimensão de como o turismo acresce financeiramente à renda da maior parte da população local ouro-pretana. Porém, os resultados apontam que os índices levam em conta a presença de empresas franquizadas, o que leva a interpretação de que o empreendedorismo fomentado pela atividade turística na cidade de Ouro Preto se volta ao segmento populacional que possui grande capital de investimento, e não necessariamente a pessoas de baixa renda que possam obter ou complementar a sua renda exercendo atividades vinculadas à atividade turística como autônomos.

Outro aspecto a se considerar é a avaliação do uso dos atrativos turísticos pela população local apontado na pesquisa, que mesmo com uma análise criteriosa, não nos permite avaliar e concluir nada sobre quais usos a população local faz destes espaços, e como este uso influiria na permanência residencial desta população nas áreas em que se dão as atividades turísticas, ou mesmo como estas se vinculam ao exercício do

direito a cidade pela população local.

Diante desse panorama, conclui-se que a Ouro Preto contemporânea é um

espaço singularizado no qual as disputas por território se dão nas esferas políticas e econômicas com dois lados bem definidos e cujos interesses divergem: a população que demanda por moradia, permanência e usufruto do seu direito à cidade e agentes capitalistas ligados à especulação imobiliária e ao setor de serviços, que buscam gerar renda baseada na especulação, acumulação e manutenção de suas relações de poder. Esses conflitos são mediados pelo poder público que ora atua como um amortecedor de embates buscando gerenciar as demandas de ambos os lados, ora como um vetor de potencialização da exclusão social das populações menos favorecidas presentes na localidade, por negligenciar as suas demandas por usufruto de aparatos urbanos ou escalonar a solução dos mesmos conflitos.

O capítulo a seguir analisa os bairros São Cristovão, São Francisco e Caminho da Fábrica, sendo que neste último bairro há um enfoque na ocupação que surgiu em uma de suas áreas nos últimos anos.

3. CAPÍTULO II: As outras faces de Ouro Preto (MG)

O capítulo a seguir apresenta três localidades da sede municipal nas quais foram realizados trabalhos de campo para a coleta dos dados desta pesquisa. Estas localidades possuem a característica comum de se localizarem em uma área adjacente ao perímetro tombado pela UNESCO estabelecido em 1980 e estarem em expansão habitacional, sendo locais no quais tem ocorrido um adensamento habitacional cada vez maior, apesar de serem áreas sujeitas a vulnerabilidades como: movimentos de massa, serem carentes de aparatos urbanos como infraestrutura de saneamento e abastecimento hídrico adequados e não serem muito valorizadas economicamente pelo setor imobiliário local.

O que se discute a seguir são as razões pelas quais as pessoas tem se estabelecido nestas áreas em Ouro Preto, e qual parcela populacional está se estabelecendo nestes locais. Para tanto, leva-se em conta nessa avaliação o fator racial, o perfil econômico, o nível educacional, dentre outros quesitos, que balizam os objetivos principais deste trabalho, que é analisar como o estabelecimento de um perímetro tombado em Ouro Preto no ano de 1980 se correlaciona com a segregação espacial da parcela populacional preta local.

3.1. São Cristóvão, São Francisco e Ocupação do Bairro Caminho da Fábrica, uma análise de campo

Os trabalhos de campo realizados nesta pesquisa foram feitos em três localidades da sede municipal de Ouro Preto, sendo elas os bairros São Cristóvão, São Francisco e a Ocupação do Caminho da Fábrica, localizada no bairro Caminho da Fábrica.

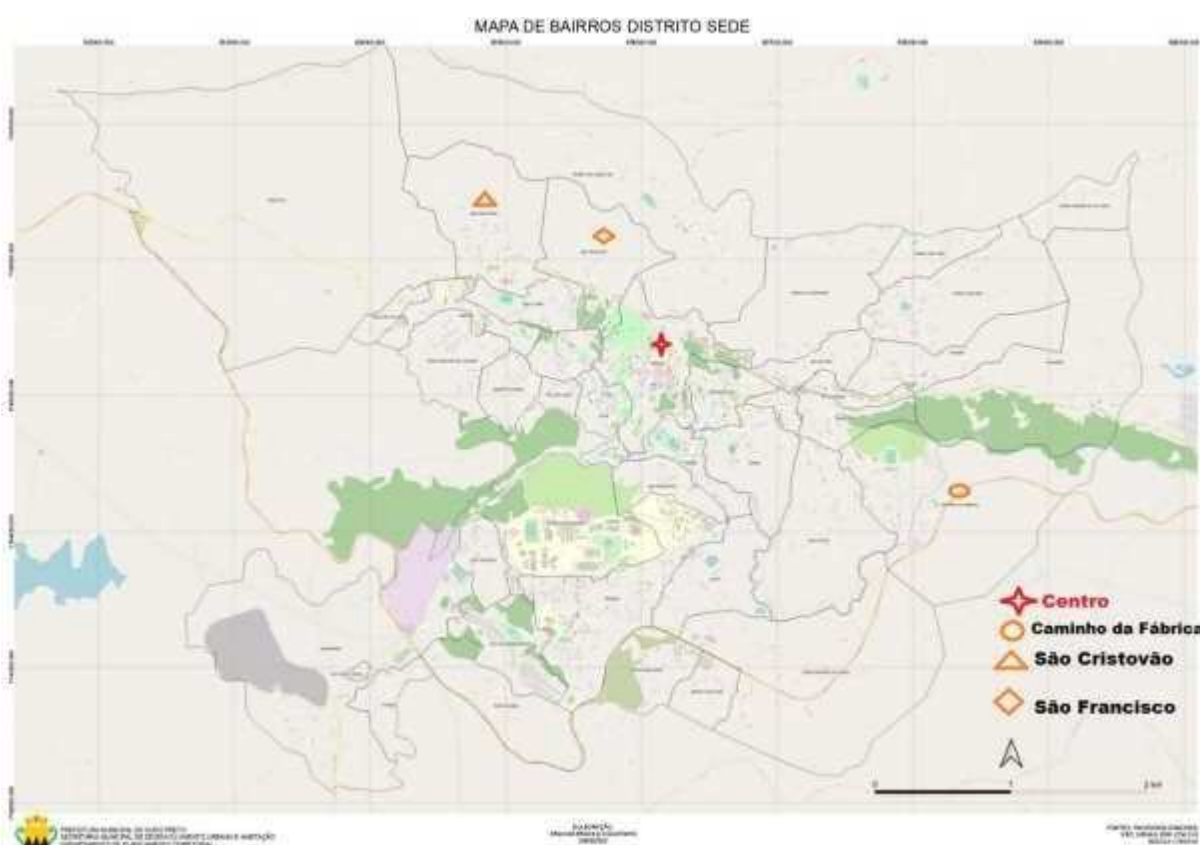
Os trabalhos desenvolvidos em campo se deram com a aplicação de um formulário de forma aleatória a voluntários de cada local, em uma quantidade de cinco (5) residências.

A seguir, há a apresentação de informações e a descrição de cada área escolhida. As referências espaciais para a escolha dos bairros nos quais foram aplicados os questionários tiveram como base as informações contidas na divisão territorial oficial da sede do município de Ouro Preto,

estabelecida pela Lei Municipal Nº 1.181 de 10 de setembro de 2020, que determina a delimitação, extinção e nomeação de bairros na sede municipal de Ouro Preto, em concordância com a

Constituição Federal e o Estatuto das Cidades, que instituiu oficialmente a existência de 40 bairros na sede municipal de Ouro Preto, e também determinou que loteamentos implantados a partir da promulgação desta lei não se caracterizariam como bairros. Assim, de acordo com a Lei Nº 1.181/2020, a divisão oficial dos bairros na sede municipal de Ouro Preto se dá da forma apresentada no mapa a seguir (mapa 10) com os locais escolhidos para as atividades de campo desta pesquisa destacados pelo autor juntamente com a localização do centro da sede municipal:

Mapa 10 – Mapa de Bairros Distrito Sede



Fonte: Adaptado de Prefeitura Municipal de Ouro Preto. Lei Nº1.181/2020¹⁹

Sendo os bairros escolhidos para coleta de informações em campo os destacados nas figuras a seguir (figuras 5, 6), adaptadas de Prefeitura Municipal de Ouro Preto-PMOP (2022).

¹⁹ Dispõe sobre a criação, extinção, delimitação e denominação de bairros do Município de Ouro Preto/MG Disponível em:
chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/https://sgm.ouropreto.mg.gov.br/arquivos/norma_juridica/fd00363aa6b363b2cb9b61097582094c.pdf. Aceso em 05 dez

2020

Figura 5 - Bairro São Cristovão e Bairro São Francisco



Fonte: Prefeitura Municipal de Ouro Preto²⁰

Figura 6 - Bairro Caminho da Fábrica (com destaque para a Ocupação do Caminho da Fábrica)



Fonte: Prefeitura Municipal de Ouro Preto.²¹

²⁰ Disponível em <https://ouopreto.mg.gov.br/bairros#:~:text=Estamos%20falando%20da%20Lei%20N%C2%BA,e%20p%20osteriormente%20atualizar%20suas%20correspond%C3%A2ncias>. Acesso em 05 dez 2022

²¹ Disponível em <https://ouopreto.mg.gov.br/bairros#:~:text=Estamos%20falando%20da%20Lei%20N%C2%BA,e%20p%20osteriormente%20atualizar%20suas%20correspond%C3%A2ncias>. Acesso em 05 dez 2022

3.2.1. Bairro São Cristovão

Localizado próximo ao centro histórico de Ouro Preto, o bairro São Cristovão é formado por um adensamento habitacional nas margens da BR-356 e se prolonga pelas encostas da Serra de Ouro Preto. Apesar da ocupação antiga da área e a presença de resquícios estruturais do período colonial, o bairro não está incluso no perímetro de tombamento estabelecido em 1980 para a cidade de Ouro Preto, muito provavelmente pela descaracterização da área devido ao crescimento habitacional. Mesmo sem a inclusão da área no perímetro tombado, há uma latente atividade turística no local por haver antigas galerias de exploração aurífera nas áreas do bairro, as chamadas minas de ouro, que hoje são visitadas por turistas e fomentam o setor terciário no bairro, bem como, pesquisas acadêmicas sobre a localidade.

Em uma análise histórica, FÉLIX (2019), deduz que o bairro pode ser classificado como um território negro, podendo, pelas suas características históricas, culturais e econômicas ser considerado um bairro afrodiáspórico. Segundo o autor, bairros com essa característica possuem população majoritariamente negra que produzem modificações espaciais passíveis de serem caracterizadas como inscrições negras (FÉLIX, 2019,p.15). Por inscrição negra, o mesmo autor aponta que são

o reconhecimento do que foi grafado pelas mudanças ocorridas nos bairros, cidades e territórios com um grande contingente populacional africano ou afrodescendente. O que perdura na história material e imaterial da população negra, originando conhecimentos, técnicas e tecnologias e salientando a importância cultural de um povo são as inscrições históricas. Os ideais de transmissão psíquica positiva estão inseridos nas afroinscrições, porém não se pode negar a questão da psíquica negativa que dão aos territórios negros tratamento diferenciado, seja pela população de um modo geral ou pelo poder público.

Estas características, mais os dados apresentados nos setores censitários do bairro que mostram uma grande concentração de população autodeclarada parda e preta foram os fatores preponderantes para a escolha do local como um ponto de aplicação dos questionários desta pesquisa, com a finalidade de apresentação de um perfil dos seus

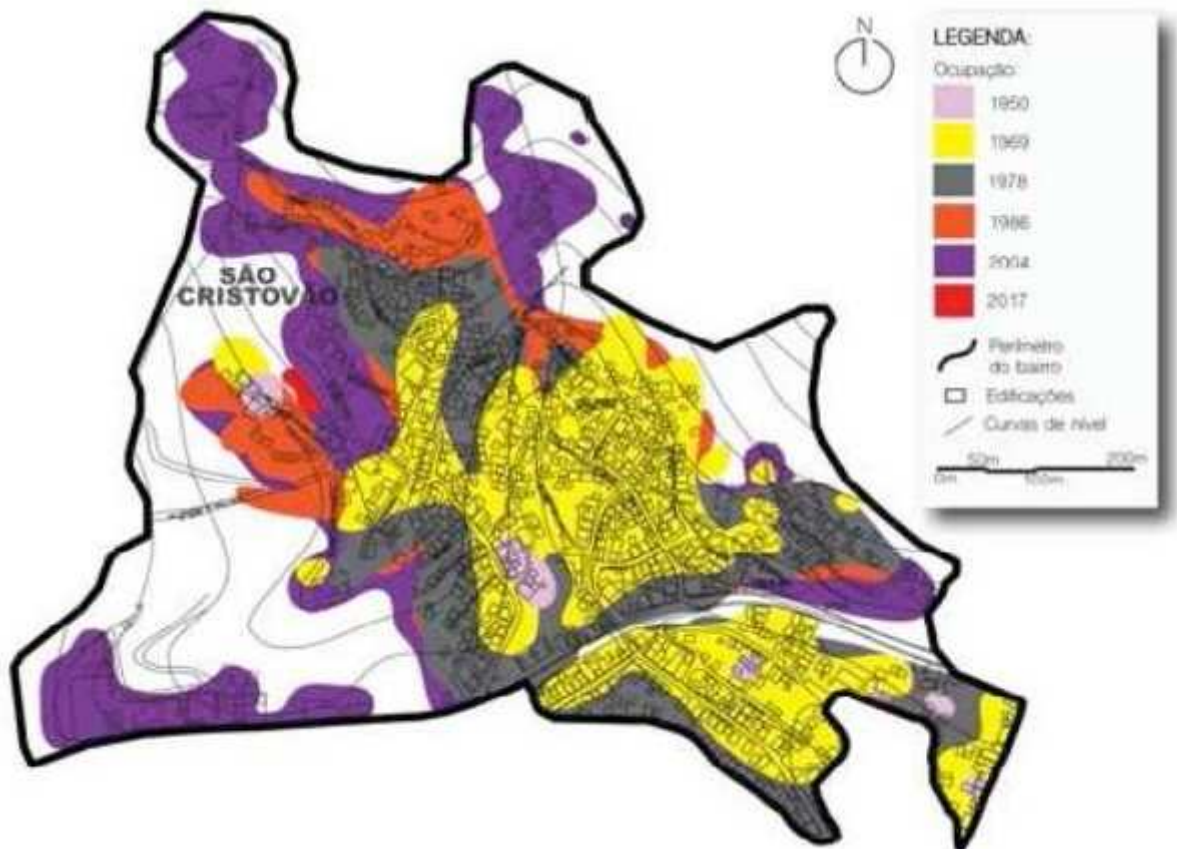
moradores.

Conforme os trabalhos de campo se desenvolveram, pode-se notar na área que se tratando de aparatos urbanos havia uma Unidade de Pronto Atendimento-UPA que

atendia a toda população municipal de Ouro Preto, sendo esta unidade transferida no ano de 2021 para o bairro Saramenha com o novo nome de UPA Dom Orione, tornando assim as instalações que abrigaram a antiga unidade de pronto atendimento do bairro São Cristovão o local de estabelecimento da nova Policlínica Municipal, que ainda mantém o atendimento à população da cidade. Há de se destacar também a presença de postos de combustível, hotéis, pousadas, um hipermercado e pequenos comércios locais como mercearias, açougues, bares, restaurantes, lojas de material de construção, lojas de roupas e calçados e uma pequena quadra esportiva.

No que diz respeito ao desenvolvimento do bairro, CALIL (2017) aponta que a explosão habitacional na área se deu pela insuficiência de moradias nas cercanias da fábrica da ALCAN, que a partir dos anos 50 passou a atrair um grande contingente populacional para a sede municipal de Ouro Preto, como foi anteriormente citado, e com isso ocorreu uma grande ocupação das encostas na sede municipal que levou ao crescimento do bairro São Cristovão a se dar no sentido da Serra de Ouro Preto, tornando o local uma área muito propensa a deslizamentos, assim como outras áreas do município ao longo da Serra de Ouro Preto. O mapa a seguir (mapa 11) presente em CALIL (2017, p.40) apresenta a expansão do bairro São Cristovão entre 1950 e 2017

Mapa 11 - Evolução da ocupação - Bairro São Cristóvão



Fonte: CALIL, 2017, p.40.

Como se pode observar, as áreas de habitação residencial modernas mais antigas do bairro datam da década de 50 do século XX, e foram ampliadas nas décadas seguintes sobre áreas mais íngremes nas encostas da Serra de Ouro Preto, como apontam as curvas de nível presentes na imagem. A partir de 1986, como mostrado na imagem, há um crescimento desordenado e com pouco acompanhamento do poder público municipal no que diz respeito ao planejamento urbano de áreas mais sensíveis a desastres naturais sob ocupação antrópica, sendo que a partir dos anos 1980, Ouro Preto já era uma cidade listada na UNESCO como patrimônio da Humanidade. Atualmente, estas mesmas áreas são as partes do bairro mais sensíveis a desastres naturais como movimentos de massa durante os períodos chuvos, fator que coloca os habitantes dessa porção do bairro em risco de vida.

O bairro em questão possui uma grande proximidade do perímetro tomabado na sede municipal, e também tem importância econômica e social para o município de um modo geral, o que já seria o bastante para o

poder público municipal de Ouro Preto

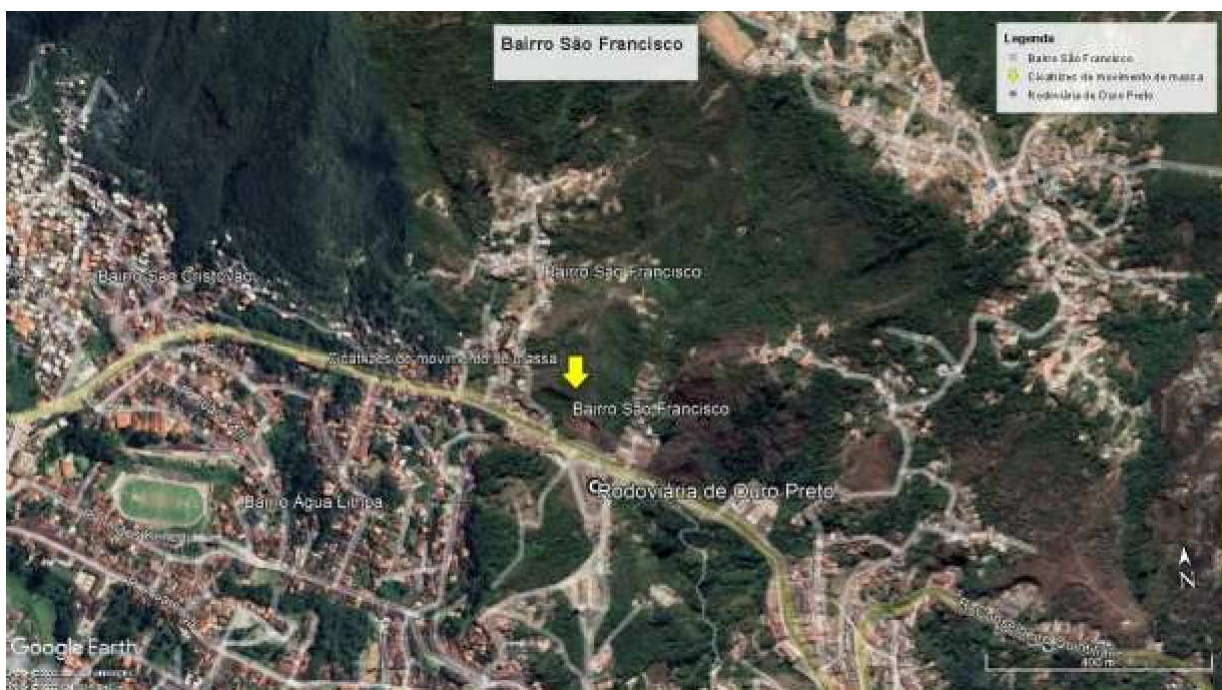
dar mais atenção ao planejamento habitacional da localidade, fator que não ocorreu nas décadas passadas e continua a não ocorrer na contemporaneidade.

3.2.2. Bairro São Francisco

Vizinho ao bairro São Cristovão existe o bairro São Francisco, também às margens da BR-356, que nessa área é denominada de Rua Padre Rolim. No bairro se localiza a Rodoviária Municipal de Ouro Preto, que assim como muitas residências da área, está sujeita a danos estruturais devido as movimentações de terra que ocorrem em períodos chuvosos.

Caracterizado por construções modernas, o bairro possui um aglomerado de casas de pequeno, médio e grande porte que se situam em becos e ruas estreitas de chão batido em alguns pontos do bairro, que contrastam com a entrada pavimentada que há em outra porção do mesmo local. O Bairro São Francisco é dividido por um morro e tem as suas residências majoritariamente situadas em depressões existentes no seu sopé, como mostra a imagem (figura 7) a seguir

Figura 7 - Bairro São Francisco



Fonte: Google Earth.

Como indicado na imagem pela seta, há a existência de cicatrizes de movimentos de massa no local, o que aponta o risco de deslizamentos, que de fato ocorrem nos períodos de chuvas mais intensas na região de Ouro Preto. Um dos eventos de maior gravidade registrado no local recentemente foi o soterramento parcial da rodoviária de Ouro Preto (fotografia 1), ocorrido em janeiro de 2012, que resultou na morte de duas pessoas.²²

Fotografia 1 - Soterramento parcial da Rodoviária de Ouro Preto em 2012



Fonte: G1 Globo/TV Globo Minas.²³

Após esse evento em 2012, a rodoviária retomou o funcionamento e o bairro São Francisco, assim como o bairro vizinho São Cristovão, continuou a se expandir sobre as encostas da Serra de Ouro Preto, o que torna a área ainda mais sensível a este tipo de catástrofe e a população do bairro mais vulnerável ao perigo.

As imagens a seguir apresentam as condições nas quais o bairro se encontra. Na fotografia 2 vemos a cicatriz decorrente da movimentação de massa que causou

²² <http://g1.globo.com/minas-gerais/noticia/2012/01/bombeiros-confirmam-segundo-soterrado-em-ouro-preto.html>

²³ Disponível em: <https://g1.globo.com/minas-gerais/noticia/2012/01/bombeiros-confirmam-segundo-soterrado-em-ouro-preto.html>. Acesso em 10 dez 2022

o acidente na Rodoviária de Ouro Preto, e na fotografia 3 temos uma vista dos bairros São Francisco e São Cristovão.

Fotografia 2 - Cicatriz no morro situado na rua Padre Rolim (em frente ao Terminal Rodoviário de Ouro Preto) em agosto de 2022



Fonte: O Autor, 2022.

Fotografia 3 - Vista de habitações dos bairros São Francisco e São Cristóvão (ao fundo) sobre encosta da Serra de Ouro Preto em 2022



Fonte: O Autor, 2022.

O déficit habitacional de Ouro Preto é um dos fatores preponderantes para que esse tipo de crescimento da malha urbana persista na cidade, porém não é o único. Como aponta CALIL (2017, p.6), a especulação imobiliária valoriza determinados espaços e juntamente com o mercado fundiário, são estruturas econômicas movidas por interesses de seus agentes e grupos. Tais interesses acabam por pesar sobre as decisões do poder público na regularização do uso do solo urbano e o investimento em infraestrutura em determinadas áreas das cidades, causando uma maior valorização das áreas que já são consideradas valorizadas por receberem mais investimentos públicos e privados, enquanto outras áreas à margem dos interesses desses agentes se tornam ainda mais precárias, e acabam por se tornar áreas nas quais a população carente encontra uma forma de reproduzir os seus meios de vida. Assim como outras regiões precarizadas de Ouro Preto, o bairro São Francisco também apresenta estas características, e a sua morfologia enquanto área habitada é o retrato de como a população de baixa renda ocupa o meio e cria um espaço próprio e característico a sua condição de excluídos.

3.2.3. Bairro Caminho da Fábrica (Ocupação do Caminho da Fábrica)

A história do bairro Caminho da Fábrica está intimamente entrelaçada com a história industrial de Ouro Preto, e por esse motivo a localidade sempre esteve às voltas com as flutuações e deslizes da economia local. Vizinho do bairro histórico do Padre Faria, a área que viria a ser tornar o bairro adquiriu enorme importância no final do século XIX, quando a Companhia de Tecidos São José do Tombadouro foi inaugurada em Ouro Preto no ano de 1887, se tornando a paritr de então, um dos pilares da economia local e uma das forças motrizes do desenvolvimento econômico da cidade após a inauguração de Belo Horizonte dez anos depois.

Como aponta MENDES (2016, p. 14) devido a instalação desta fábrica na região (fotografia 4), houve a criação de residências para seus funcionários (fotografia 5) e o emprego da mão de obra local, principalmente mão de obra feminina, na Ouro Preto no século XX (fotografia 6)

Fotografia 4 - Vista parcial da antiga Fábrica de Tecidos de Ouro Preto circa de 1930/40



Fonte: Luiz Fontana.²⁴

²⁴ Acervo Pessoal . Disponível em:

<https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/17.196/6225>. Acesso em: 12 dez 2022

Fotografia 5 - Casas geminadas do conjunto da Antinga Fábrica de tecidos de Ouro Preto (Antigas residências dos trabalhadores)



Fonte: Anderson Agostinho, 2009.²⁵

²⁵ Acervo Secretaria e Patrimônio e Desenvolvimento Urbano de Ouro Preto / Prefeitura Municipal Disponível em: <https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/17.196/6225>. Acesso em: 12 dez 2022

**Fotografia 6 - Interior da Sala de Pano da Fábrica de Tecidos de Ouro Preto
(sem data definida)**



Fonte: Autor desconhecido²⁶.

. Em relação à estrutura de produção, por se situar próxima à cachoeira do Tombadouro (fotografia 7), já no início do século XX foi criada uma pequena hidrelétrica no local com a finalidade de fornecimento de energia para a fábrica (VALE, 2013).

Atualmente a Cachoeira do Tombadouro não pode ser utilizada para balneabilidade devido ao lançamento de esgoto *in natura* à montante, mas pela sua beleza, é uma atração paisagística do circuito turístico do Trem da Vale.

²⁶ Disponível em: Acervo pessoal de Efigênia Antônia de São José Ignácio dos Anjos.
<https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/17.196/6225> Acesso em: 12 dez 2022

Fotografia 7 - Cachoeira do Tombadouro



Fonte: Autor desconhecido.²⁷

Outro fator a se destacar que é decorrente da instalação da fábrica de tecidos na área foi a criação de uma estação ferroviária (fotografias 8 e 9) ligada à linha férrea que conectava Ouro Preto à cidade de Ponte Nova (MENDES, 2016, p.14).

Fotografia 8 - Estação Vitorino Dias em 2021



Fonte: Júlio Alves²⁸

²⁷ Disponível em <https://mapio.net/pic/p-9859754/> Acesso em: 12 dez 2022

²⁸ Estações Ferroviárias do Brasil . Disponível em: http://www.estacoesferroviarias.com.br/efcb_mg_pontenova/vitorino.htm. Acesso em: 12 dez 2022

Fotografia 9 - Estação Itacolomy (Atual estação Vitorino Dias) circa década de 1920



Fonte: Autor desconhecido. ²⁹

O Inventário de Proteção ao acervo Cultural de Ouro Preto de 2010³⁰ indica que a partir de 1906 a fábrica foi administrada por um convênio entre a Arquidiocese de Mariana e o empresário Orisimbo Gomes Sabará de Vasconcellos mas, devido a problemas administrativos, a arquidiocese se retirou da sociedade, fator que leva o empresário português Vitorino Dias a adquirir a maior parte dos direitos da fábrica, tornando-se assim o acionista majoritário no ano de 1912. A partir de então, a fábrica passa a se chamar Fábrica de Fiação e Tecidos Itacolomy, e neste período há a renovação de maquinário com máquinas importadas de Londres e o aumento da produção (MENDES, 2016, p.25). A mesma autora destaca que

Diante deste impulso econômico, os acionistas da fábrica conseguiram comprar as ações que ainda restavam da Companhia Industrial Oupretana e outros empreendimentos na cidade, investimento que facilitou as negociações com a prefeitura e por conseguinte, a distribuição da energia elétrica e telefônica local. Como exemplo, os acionistas conseguiriam eliminar os pagamentos de juros para o

²⁹ Estações Ferroviárias do Brasil . Disponível em: http://www.estacoesferroviarias.com.br/efcb_mg_pontenova/vitorino.htm. Acesso em: 12 dez 2022

³⁰ Disponível em: <https://docplayer.com.br/20473772-Inventario-de-protecao-ao-acervo-cultural.html>. Acesso em: 12 dez 2022

município em troca da distribuição de energia elétrica em vias públicas, praças e áreas de lazer.

Em outro trecho de sua obra, a mesma autora também apresenta a influência das pessoas envolvidas na administração da fábrica de tecidos na cidade de Ouro Preto, durante o século XX (MENDES, 2019, p. 26)

(...) entre 1930 a 1960 a direção da fábrica passou por diversas modificações em sua diretoria. Novas cláusulas e estatutos foram criados, a fim de melhorar a sua organização. Nesse mesmo período foram realizadas algumas homenagens aos principais nomes que atuaram na fábrica, através da nomeação de algumas ruas da cidade como: Avenida Vitorino Dias, que liga a Rua Paraná a Rua Diogo de Vasconcelos; e a Rua Desidério de Matos, que liga os bairros Alto da Cruz e Padre Faria, além de ser o acesso principal ao bairro também nomeado Vitorino Dias e à fábrica de tecidos.

Esses fatos mostram a importância da fábrica para a economia da cidade no século XX, e como havia a inclinação por parte dos gestores públicos locais da época de modernizar a estrutura urbana de Ouro Preto com a concessão de benesses aos industriais. Em 1982 a fábrica de tecidos é adquirida pela Companhia Industrial Itaunense que alterou o nome da fábrica para Companhia Industrial Itaunense- Unidade III.³¹ Com a mudança, há o fechamento de setores produtivos e perdas econômicas, em parte devido às crises no setor industrial brasileiro nos anos 80, o que levou a fábrica a sofrer com problemas administrativos e financeiros, até que em 1999 é decretada a sua falência e suas atividades são encerradas. A partir de então, o complexo que outrora pertenceu à fábrica cai em desuso e o bairro do Caminho da Fábrica se torna um lugar periférico no que diz respeito a investimentos em infraestruturas e planejamento do uso do solo.

Desta forma, a partir dos anos 2000, com a desvalorização mercadológica da região devido à desativação da fábrica que gerava empregos e aquecia o setor imobiliário com o estabelecimento de pessoas em sua proximidade, aliado à desativação da linha férrea nos anos anteriores, juntamente com o distanciamento do centro histórico e das instituições de ensino presentes na sede municipal, fizeram do bairro um local de loteamentos irregulares por parte da população ouro-

pretana,

³¹ AIMFCII. Ata de 13 de setembro de 1982. In Livro de atas das reuniões da Diretoria da Companhia Industrial Itaunense; 26 jun. 1978-26 dez. 1983. f. 80v.-81. Arquivo Público Municipal de Ouro Preto.

que passou a se estabelecer no local pela alta dos preços dos aluguéis ou do solo em bairros como Antônio Dias, Barra, Rosário, Pilar, Bauxita, Novo Horizonte, Jardim Alvorada e Lagoa, ambos bairros próximos aos vetores econômicos de urbanização da sede municipal de Ouro Preto na contemporaneidade: o perímetro tombado em 1980 que compõe o centro histórico, o IFMG, a UFOP e a BR-356.

Na segunda década do século XXI, buscando revitalizar a estrutura deixada pela fábrica, a prefeitura de Ouro Preto criou no lugar uma área de eventos denominada Centro de Eventos-Fábrica de Tecidos Ouropretana, que foi concebido para receber shows, festivais e eventos diversos, sendo também cedida à Universidade Federal de Ouro Preto-UFOP uma parte da estrutura para a instalação de um parque tecnológico (fotografia 10) com finalidades acadêmicas³² e de desenvolvimento de tecnologia industrial.

Fotografia 10 - Centro de Eventos-Fábrica de Tecidos Ouropretana



Fonte: Ane Souza, 2020. ³³

³² <https://turismo.ouropreto.mg.gov.br/local/889>. Acesso em 12 dez 2022

³³ Acervo foPrefeitura Municipal de Ouro Preto-PMOP Disponível

em: <https://turismo.ouopreto.mg.gov.br/local/889>. Acesso em: 12 dez 2022

Mesmo com a recente valorização do local da antiga fábrica pelo poder público, há um crescimento desordenado no bairro e, áreas que carecem de serviços e planejamento de uso do solo se ampliam na localidade. Um dos fatores que evidenciam esse crescimento desordenado é o surgimento da Ocupação do Caminho da Fábrica, como mostra a sequência de fotos de satélite a seguir (imgens 08 à 12), que apresentam a evolução cronológica do crescimento espacial da ocupação entre 2003 e 2022.

Figura 8 - Área da Ocupação do Caminho da Fábrica em 2003



Fonte: Google Earth Pro

Figura 9 - Área da Ocupação do Caminho da Fábrica em 2011



Fonte: Google Earth Pro.

Figura 10 - Área da Ocupação do Caminho da Fábrica em 2016



Fonte: Google Earth Pro.

Figura 11 - Área da Ocupação do Caminho da Fábrica em 2018



Fonte: Google Earth Pro.

Figura 12 - Área da Ocupação do Caminho da Fábrica em 2022



Fonte: Google Earth Pro.

Em relação ao poder público e o planejamento urbano em Ouro Preto, TEIXEIRA (2015, p.237) aponta que um dos maiores problemas do município é a falta de um sistema municipal bem estruturado que possa ter garantias de continuidade de

trabalho mesmo em períodos de alternância de poder. O mesmo autor aponta que Ouro Preto jamais experimentou um crescimento planejado de fato, apesar de contar com inúmeros benefícios externos e oportunidades para tal, o que neste quesito torna a cidade igual a muitos outros municípios brasileiros.

Discordando parcilamente do autor, há de se ressaltar que na sede municipal de Ouro Preto existem bairros novos muito bem servidos de aparatos urbanos e bem planejados, com asfaltamento e esgotamento de boa qualidade como os bairros Lagoa e Jardim Alvorada, por exemplo, que são áreas residenciais da parcela populacional de Ouro Preto de maior renda, o que evidencia que o poder público de maneira deliberada investe em estrutura em áreas já valorizadas, relegando as áreas periféricas à carência de aparatos urbanos.

No tocante a Ocupação do Caminho da Fábrica, pode se analisar a sua formação em concordância com o que CALIL (2017, p.28) afirma ao dizer que no século XXI, devido à escassez de áreas apropriadas acessíveis à população de baixa renda na sede municipal de Ouro Preto, ocorre o adensamento das áreas já existentes, e juntamente com a falta de estrutura do poder público municipal para lidar com o planejamento urbano aliado à concentração de terras em poder de uma minoria local, há o agravamento da demanda habitacional no município.

Observando a Ocupação do Caminho da Fábrica e sua evolução espacial, percebe-se que em um curto intervalo de tempo houve o adensamento da área, e assim como outras partes da cidade pouco apropriadas à habitação como as áreas sensíveis anteriormente citadas neste trabalho localizadas no bairro São Francisco e São Cristovão há falta de presença do poder público municipal em planejar, ordenar e orientar o parcelamento do solo nestes locais, muito devido a menor valorização imobiliária dessas áreas.

O bairro Caminho da Fábrica é um dos vários *locus* da expansão urbana baseada na periferização das parcelas populacionais que estão parcial e/ou totalmente alijadas do direito à cidade em Ouro Preto. Por ser uma área pouco valorizada economicamente, a porção do bairro que abriga a ocupação acima apresentada possui uma evidente tendência de se adensar nos próximos anos, e caso não haja monitoramento em

períodos críticos, há a possibilidade de que a área contribua com o acréscimo do saldo das tragédias humanas que acontecem na cidade em períodos chuvosos.

Como pode-se observar na imagem a seguir (fotografia 11), o aglomerado de

casas da ocupação se situa em uma área de elevação bastante íngreme, e analisando em campo a localização de algumas de suas construções, nota-se que há casas construídas, e em construção, perigosamente próximas do vetor de mergulho do morro que a abriga, local que também possui uma ravina em processo de voçorocamento, o que evidencia a vulnerabilidade da área e como esta carece de intervenções planejadas e acompanhamento contínuo por parte do poder público municipal ou órgãos competentes.

Fotografia 11 - Vista parcial da Ocupação do Caminho da Fábrica a partir da Avenida Farmacêutico Duílio Passos (Coordenadas: 23 K 657998.12 m E 7744993.25 m S)



Autor: O Autor, 2022.

4. CAPÍTULO III- RESULTADOS E DISCUSSÃO

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística-IBGE classifica áreas irregulares de habitação como *aglomerados subnormais*. Segundo esta instituição, esses aglomerados subnormais podem ser definidos como

(...) uma forma de ocupação irregular de terrenos de propriedade alheia – públicos ou privados – para fins de habitação em áreas urbanas e, em geral, caracterizados por um padrão urbanístico irregular, carência de serviços públicos essenciais e localização em áreas com restrição à ocupação.³⁴

Se tratando de tipologias, pode-se destacar o que CALIL (2017, p.8) aponta para o termo favela, que é genérico e se aplica restritamente aos aglomerados subnormais encontrados no estado do Rio de Janeiro, enquanto em outras regiões do Brasil como Belo Horizonte-MG e Porto Alegre-RS utilizam-se geralmente como tipologia para esses aglomerados subnormais o termo “vila”, e em Belém-PA utiliza-se o termo “baixada”.

Em Ouro Preto-MG, o termo vila é empregado a bairros que necessariamente não são aglomerados subnormais como os bairros Vila São José, Vila dos Engenheiros, Vila Operária, Vila Santa Izabel e Vila Aparecida, enquanto aglomerados subnormais como a Ocupação do Caminho da Fábrica no bairro do Caminho da Fábrica e o Morro do Piolho no bairro São Francisco não são classificados como “vilas”, não recebendo também nenhuma outra tipologia específica de forma oficial pelo município, sendo apresentadas inseridas nos mapas urbanos dos bairros em que se situam sem nenhuma indicação sobre as suas condições distintas, ficando restrito ao conhecimento das especificidades dessas áreas apenas a população local de Ouro Preto ou a quem se propor ir a campo com a finalidade de investigação das mesmas.

4.1. Levantamento de Dados

Assim, as informações apresentadas a seguir foram coletadas nos bairros São Cristovão, São Francisco e na Ocupação do Caminho da Fábrica no bairro Caminho

³⁴ Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística-IBGE
<https://www.ibge.gov.br/geociencias/organizacao-do-territorio/tipologias-do-territorio/15788-aglomerados-subnormais.html?=&t=acesso-ao-produto>> acessado em 19 de dezembro de 2022.

os trabalhos de campo para coleta de informações. O trabalho de campo teve a finalidade de coleta de informações por meio da aplicação de questionário à moradores de 5 residências de cada bairro analisado neste trabalho, sendo eles: São Francisco, São Cristovão e na Ocupação do Caminho da Fábrica no bairro Caminho da Fábrica. O número de 5 residências foi definido como o ideal a esta pesquisa por ela se caracterizar como um trabalho qualitativo, e não quantitativo. Com aponta Ollaik & Ziller (2012, p. 232) citando Golafshani (2003) apontam que

a pesquisa qualitativa busca descrever e compreender um fenômeno, e não explicá-lo ou fazer previsões. Tal descrição e compreensão estão restritas a um contexto específico a partir do qual se chega a um tipo de conhecimento distinto do que é alcançável por procedimentos estatísticos ou por outras formas de quantificação. Em vez de explicar, busca-se descrever. Em vez de prever, busca-se compreender. Em vez de generalizar, busca-se a possibilidade de extrapolação para situações com contextos similares.

Desta maneira, para a compreensão do fenômeno de ocupação do espaço urbano de Ouro Preto pela população preta após a inscrição da cidade na lista de patrimônios da UNESCO após 1980, o recorte definido neste trabalho satisfaz metodologicamente na obtenção de informações pois, possibilitaram compreender o fenômeno abordado segundo critérios qualitativos e não quantitativos, dado que o objetivo deste trabalho está na descrição e entendimento causal da relação entre a inscrição de Ouro Preto na lista de Patrimônios da Humanidade da Unesco em 1980 mais a definição do perímetro de tombamento, com a exclusão espacial de parcelas da população preta ouro-pretana. Nesta abordagem não há uma tentativa de definição numérica ou percentual deste grupo por área ocupada, e desta forma, uma abordagem quantitativa nunca foi a proposta desta pesquisa.

Por este trabalho buscar aferir de que maneira a criação de um espaço urbano alimentado por estruturas políticas das mais variadas escalas aliado a estruturas econômicas de diferentes nichos cria uma clivagem espacial a nível local no qual é possível observar espaços de escassez e espaços de acumulação, conforme a lógica sistêmica do capital, é imprescindível buscar compreender as correlações existentes

entre fenômenos observáveis apenas pela pesquisa qualitativa e que em uma pesquisa quantitativa não seriam tão facilmente transcritos, como avaliar de que forma se cumpre o direito a cidade para uma parcela populacional, no caso a parcela preta, por exemplo. Assim, com a observação de dados estatísticos fornecidos pelo IBGE

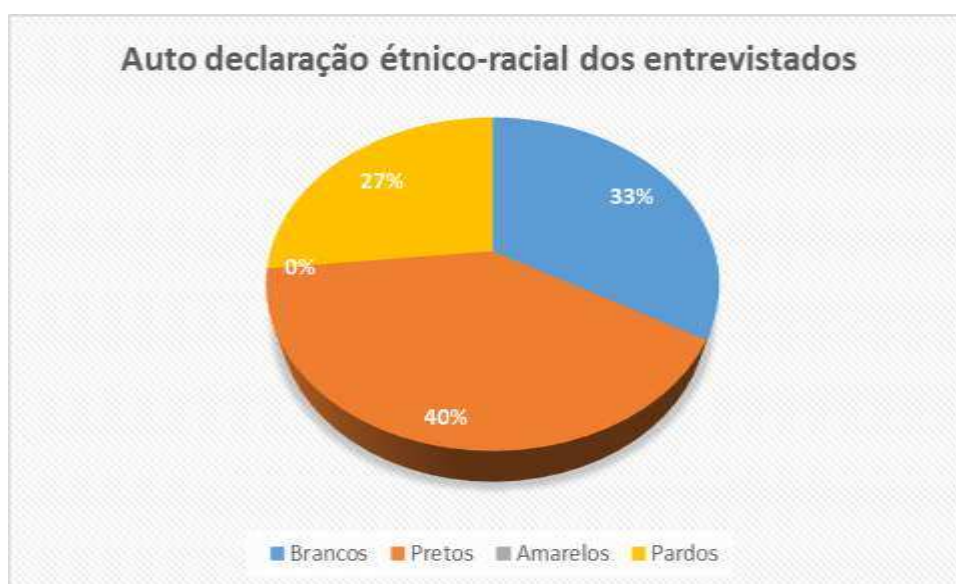
nos setores censitários aliados a trabalhos de campo, foi possível a definição das áreas em que seria possível aplicar os questionários com a finalidade de obtenção de respostas qualitativas, e partir dos dados apurados por meio da pesquisa realizada *in loco*, foi possível traçar um perfil da população que ocupa os espaços fora do perímetro central da cidade de Ouro Preto e correlaciona-lo ao fenômeno de patrimonialização de áreas da cidade e decorrente gentrificação das mesmas áreas e áreas que a esta porção espacial se vinculam de alguma forma. A a seguir temos o resultado da tabulação dos resultados obtidos.

4.2. Apresentação dos resultados

Apresentamos aqui a compilação e das informações levantadas por meio de entrevistas aos moradores dos três bairros estudados. A demonstração destes resultados será por meio de gráficos e/ou tabelas.

Entre os entrevistados, no que diz respeito à autodeclaração étnico-racial, pode-se destacar uma maior presença de pretos e pardos, sendo pessoas que se auto declaram amarelas inexistentes no recorte. O gráfico abaixo (gráfico 4) apresenta em porcentagem a autodeclaração étnico-racial dos voluntários.

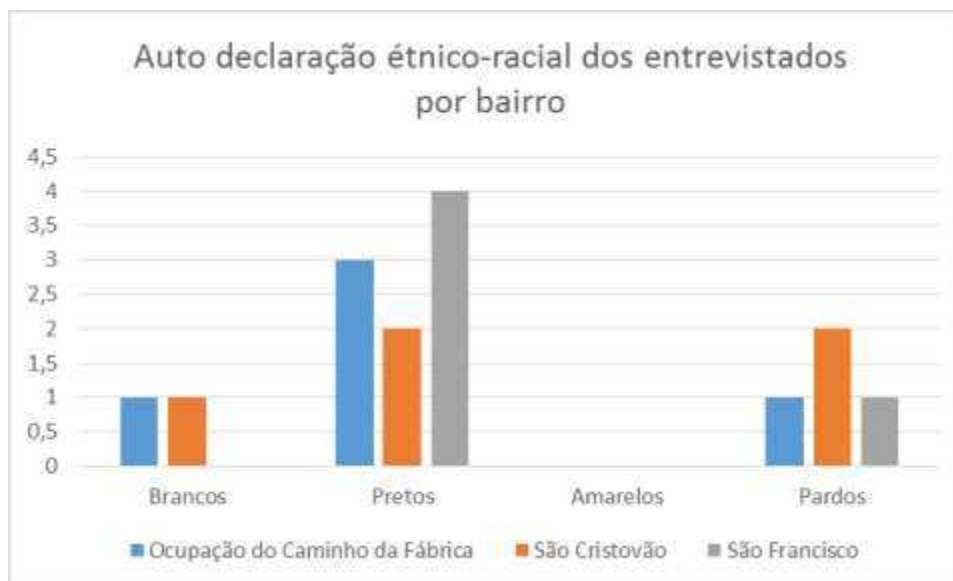
Gráfico 4 - Auto declaração étnico-racial dos entrevistados



Fonte: O Autor, 2022.

Quando se analisa a auto declaração étnico-racial por bairro, os

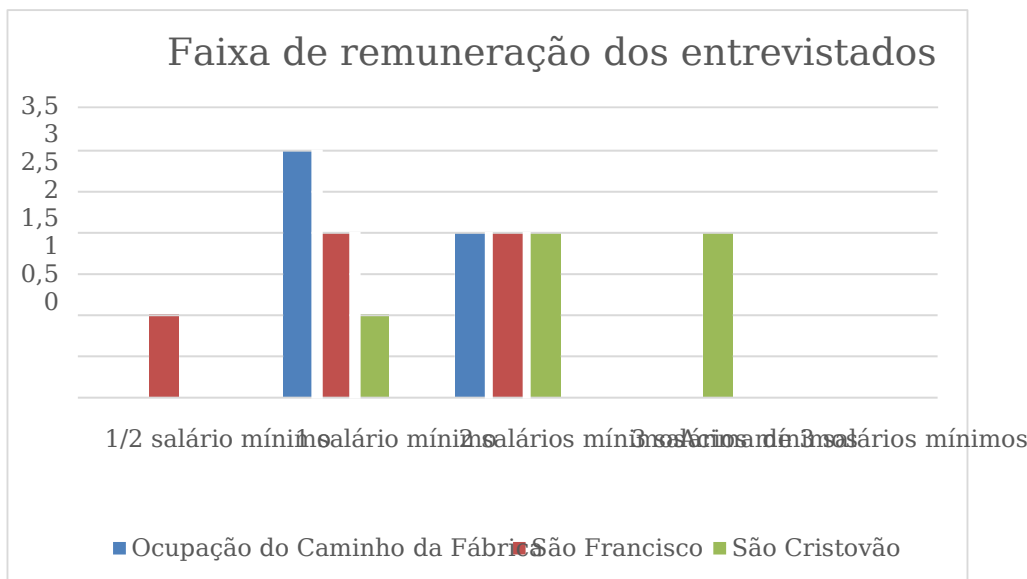
entrevistados apresentaram as seguintes respostas demonstradas na gráfico

Gráfico 5 - Auto Declaração étnico-racial dos entrevistados por bairro

Fonte: O Autor, 2022.

Por meio da análise da auto declaração étnico-racial por bairro, percebe-se que no bairro São Francisco há uma predominância de pessoas auto declaradas pretas, sendo o número de brancos e pardos entre os entrevistados desse bairro o mesmo que os demais. Na Ocupação do Caminho da Fábrica também há uma predominância de auto declarados pretos enquanto no bairro São Cristovão o número de auto declarados pardos é maior entre os entrevistados.

Se tratando de renda, a faixa salarial dos entrevistados não foi além de 3 salários mínimos. O bairro São Cristovão foi o bairro que apresentou entrevistados com maior média salarial, e o bairro São Francisco o local em que os entrevistados apresentaram a menor média salarial como mostra o gráfico (gráfico 6) a seguir.

Gráfico 6 - Faixa de remuneração dos entrevistados

Fonte: O Autor, 2022.

Sobre possuir ou não dependentes, a porcentagem dos entrevistados que os possuíam por bairro é apresentada a seguir (gráfico 7)

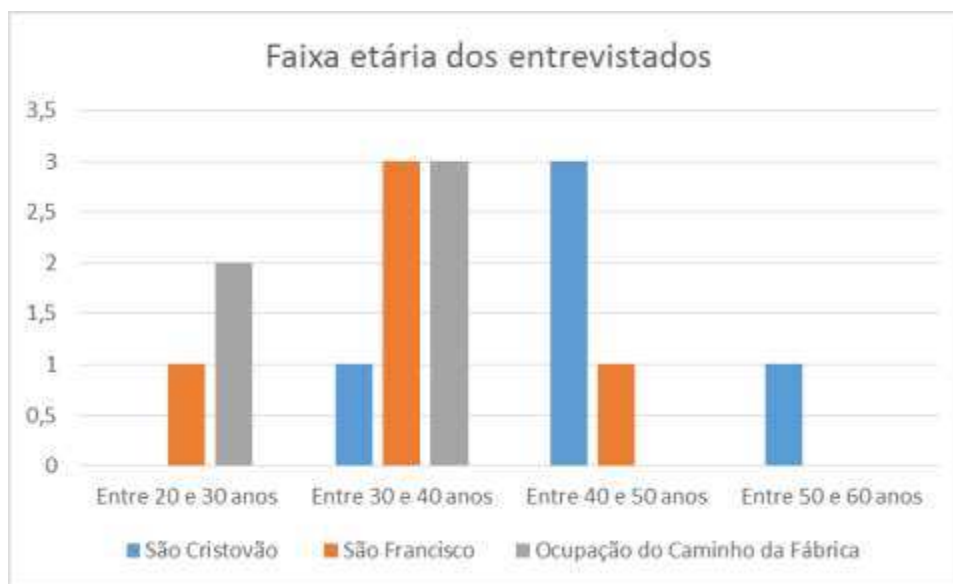
Gráfico 7 - Número de dependentes

Fonte: O Autor, 2022.

No que diz respeito à faixa etária, o bairro São Cristovão apresentou entrevistados mais velhos com uma média maior de pessoas entre 40 e 50 anos em relação aos bairros São Francisco e a Ocupação do Caminho da Fábrica, que em

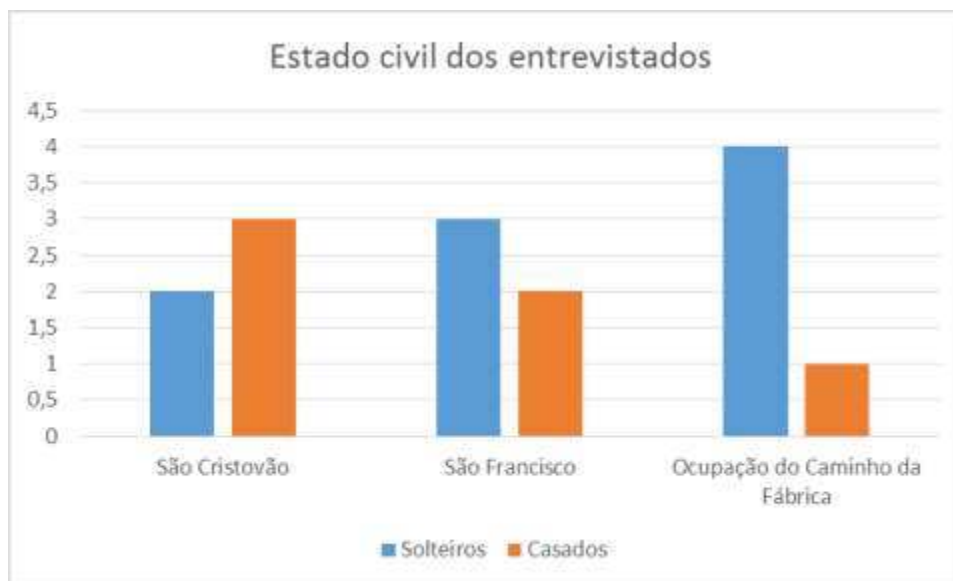
contrapartida, foi o local com a população mais jovem, possuindo entre os entrevistados uma média maior de pessoas entre 20 e 30 anos e entre 30 e 40 anos quando comparados aos bairros São Francisco e São Cristovão, com o é mostrado no gráfico abaixo (gráfico 8)

Gráfico 8 - Faixa etária dos entrevistados



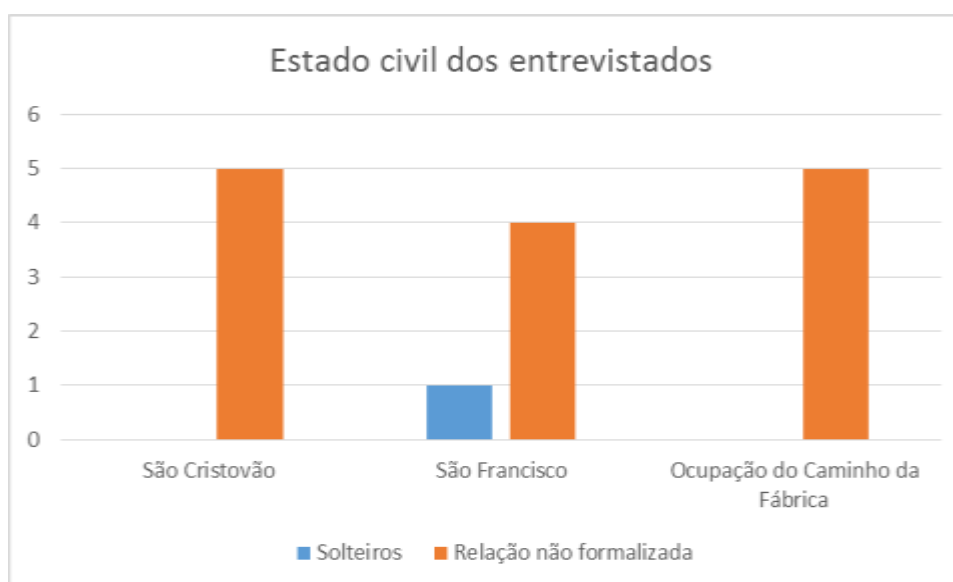
Fonte: O Autor, 2022.

Sobre o estado civil dos entrevistados, é importante ressaltar que foram considerados casados neste trabalho as pessoas com união formal legal, enquanto pessoas amasiadas foram consideradas solteiras. As mesmas indicaram a parte no formulário a sua situação conjugal e com estas informações foram realizados dois gráficos, sendo o primeiro (gráfico 9) mostrando a relação casados x solteiros e o segundo (gráfico 10) a relação solteiros x relação estável não formalizada legalmente.

Gráfico 9 - Estado civil dos entrevistados

Fonte: O Autor, 2022.

Nota-se que considerando como pessoas casadas apenas aquelas que formalizaram a união legalmente, percebe-se que no bairro São Cristovão há um maior número de casados entre os entrevistados sendo o número de solteiros maior entre os entrevistados da Ocupação do Caminho da Fábrica. Quando se leva em consideração que pessoas solteiras são apenas aquelas que não possuem um parceiro(a) fixo e se considera como casados pessoas em relação estável não formalizada legalmente, temos o seguinte panorama (gráfico 10)

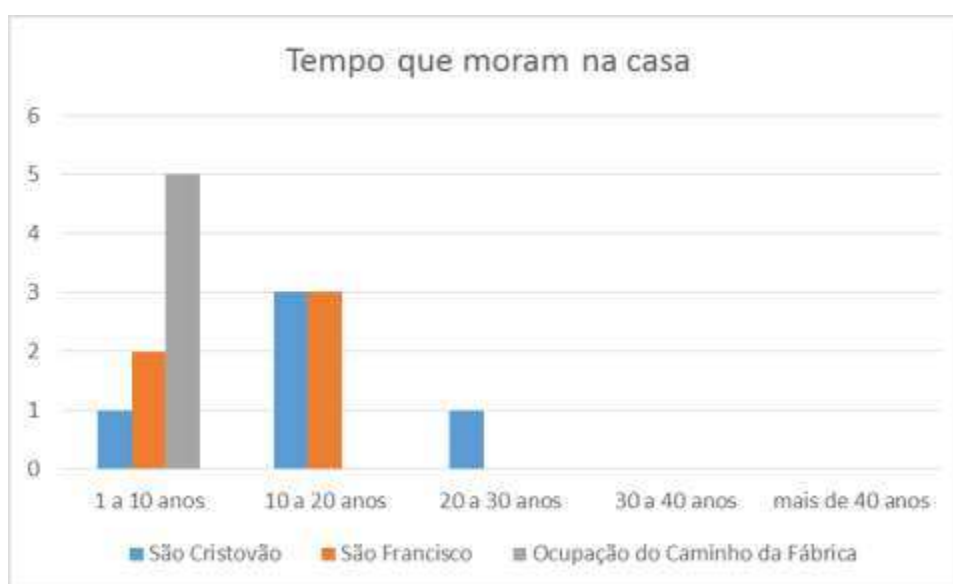
Gráfico 10 - Estado civil dos entrevistados

Fonte: O Autor, 2022.

Neste segundo gráfico tem-se um outro panorama. Quando se considera as pessoas em um relacionamento estável que vivem junto de seus parceiros (a) nota-se que nos bairros São Cristovão e na Ocupação do Caminho da Fábrica a totalidade dos entrevistados não estão solteiras.

Sobre moradia, apenas um entrevistado do bairro São Cristovão reside de aluguel, pagando o valor de 900,00 reais por mês. Os demais possuem casa própria. Nesse sentido, sobre o tempo que residem na casa, os entrevistados responderam o seguinte (gráfico 11)

Gráfico 11 - Tempo que moram na casa



Fonte: O Autor, 2022.

Como apresentado no gráfico acima (gráfico 11), o bairro São Cristovão apresenta os entrevistados que residem há mais tempo em suas casas, com uma média acima de uma década enquanto a Ocupação do Caminho da Fábrica possui a menor média de tempo de residência dos entrevistados.

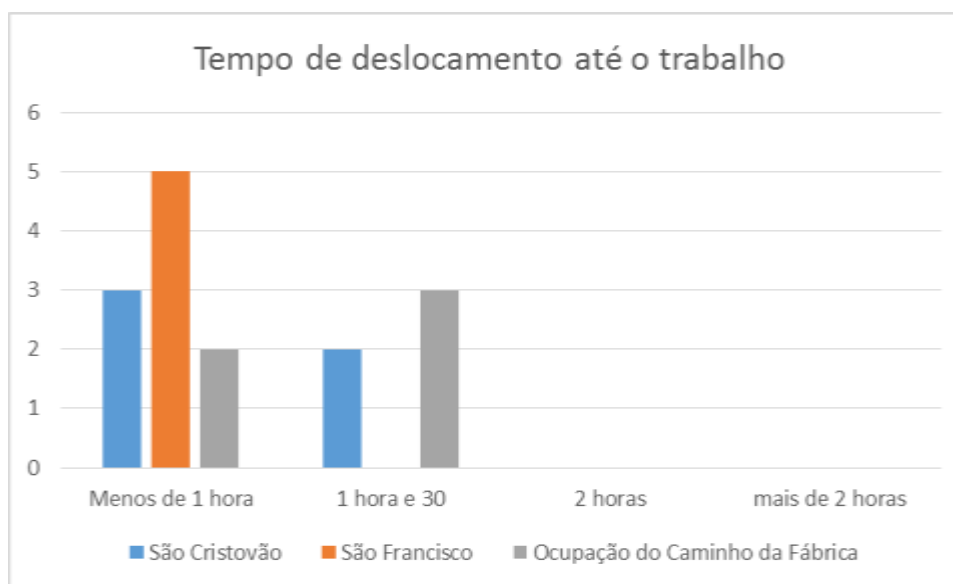
Sobre as questões "Onde morou antes?" e "Por qual motivo se mudou?", as respostas variaram bastante. Sobre onde residiram anteriormente os entrevistados do bairro São Francisco e São Cristovão responderam que residiam de aluguel em outros bairros de Ouro Preto como Barra, Antônio Dias e Alto da Cruz e se mudaram quando conseguiram obter um terreno no local ou conseguiram comprar a casa que residem. Os moradores da Ocupação do Caminho da Fábrica responderam que residiam em outros bairros de Ouro Preto com exceção

de 2 entrevistados que vieram de distritos

de Ouro Preto para trabalhar e constituíram família na sede do município.

No que se refere a distância do local de residência e o local de trabalho dos entrevistados, o gráfico a seguir (gráfico 12) mostra o tempo de deslocamento dos entrevistados até o local de trabalho.

Gráfico 12 - Tempo de deslocamento até o trabalho



Fonte: O Autor, 2022.

Dentre os entrevistados, os que mais gastam tempo para se deslocar até o local de trabalho foram aqueles da Ocupação do Caminho da Fábrica. Os moradores deste local alegaram que a maior dificuldade em relação a esse deslocamento está relacionada ao transporte público municipal, uma vez que não há fluxo de táxis de lotação no bairro e como os ônibus que passam no lugar são itinerários de bairros vizinhos, os veículos quase sempre estão cheios, o que leva essas pessoas a se deslocarem até pontos de ônibus mais distantes com a finalidade de conseguirem embarcar. Segundo relatos, muitas vezes também ocorrem atraso no serviço, o que faz com que os entrevistados peguem linhas de outros itinerários que passem próximo a seus empregos.

Os moradores do bairro São Cristovão que gastam cerca de 1 hora e meia até o local de trabalho relataram trabalhar na cidade vizinha de Itabirito, e se deslocam até lá em um ônibus fretado da empresa na qual prestam serviço.

Sobre opções de emprego no bairro em que residem, todos os entrevistados residentes no bairro São Francisco responderam que não

existem, assim como os

entrevistados residentes na Ocupação do Caminho da Fábrica. Todos os entrevistados residentes no bairro São Cristovão responderam existir opções no bairro.

A tabela a seguir apresenta a área de atuação dos entrevistados:

Tabela 3 - Setores de atuação profissional dos entrevistados

Setor de atuação profissional	Bairro São Cristovão	Bairro São Francisco	Ocupação do Caminho da Fábrica
Setor primário	2	0	0
Setor secundário	1	0	2
Setor terciário	2	5	3

Fonte: O Autor, 2022.

Os entrevistados do bairro São Cristovão que atuam no setor primário alegaram trabalhar em uma empresa prestadora de serviços à mineradora Vale. No Bairro São Francisco a totalidade dos entrevistados atuam no setor de serviços, em pousadas e em hipermercados, além de um entrevistado trabalhar na Actech-Alumina chemical technologies, nome atual da antiga Novelis localizada no bairro Saramenha que também foi a fábrica da ALCAN. Na Ocupação do Caminho da Fábrica, os entrevistados se dividiram entre o setor secundário com trabalhadores que atuam na construção civil e também trabalhadores do setor terciário.

Sobre opções de lazer em seus bairros, os entrevistados do bairro São Cristovão responderam existir opções, enquanto os entrevistados do bairro São Francisco responderam não existir opções em seu bairro. Os entrevistados da Ocupação do Caminho da Fábrica também informaram existir opções em seu bairro.

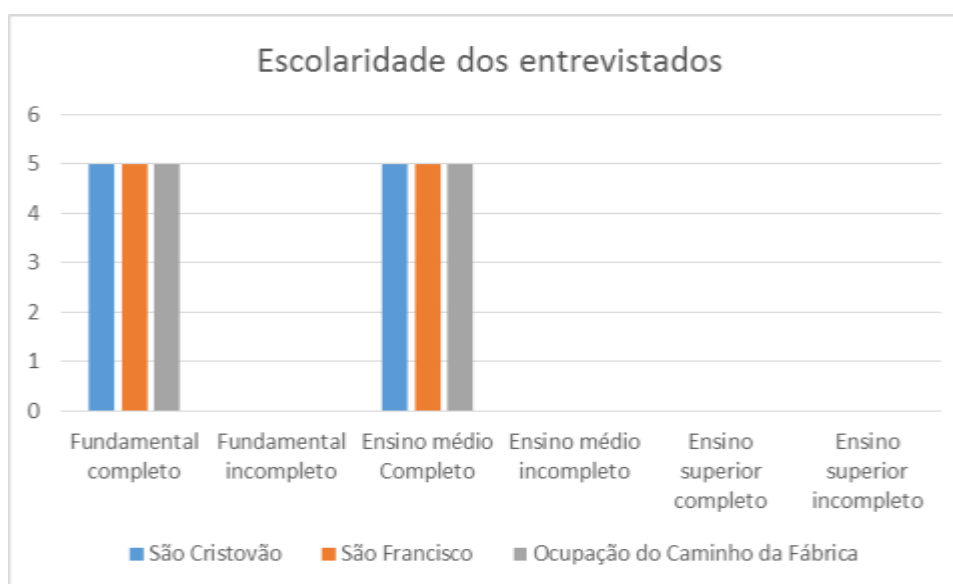
No que se refere a realização de compras no bairro, todos os entrevistados do bairro São Cristovão informaram as realizar no próprio bairro, e todos os entrevistados da Ocupação do Caminho da Fábrica informaram não realizar compras no bairro em que residem. Todos os entrevistados do bairro São Francisco responderam realizar compras no bairro São Cristovão. Sobre o tipo de compras realizadas, os entrevistados do bairro São Cristovão informaram realizar compras de mercado, açougue e farmácia em seu próprio bairro e 70% dos entrevistados do bairro responderam não comprar roupas nas lojas do bairro mas sim no centro de Ouro Preto ou pela internet, enquanto 30% informou comprar roupas e

calçados no bairro. Todos os entrevistados do bairro São Francisco informaram realizar compras de mercado, açougue e farmácia no bairro São Cristovão e roupas e calçados no centro de Ouro

Preto. Os entrevistados da Ocupação do Caminho da Fábrica se dividiram neste quesito com 40% dos entrevistados informando realizar compras de mercado, açougue e farmácia no bairro Alto da Cruz e 60% informando realizar essas compras nos hipermercados da cidade localizados no bairro Bauxita e no bairro Nossa Senhora do Carmo. Sobre roupas e calçados, 20% responderam comprarem na cidade vizinha de Mariana e o restante afirmou realizar esse tipo de compra no centro de Ouro Preto.

O nível de escolaridade dos entrevistados, é apresentado no gráfico a seguir (gráfico 13)

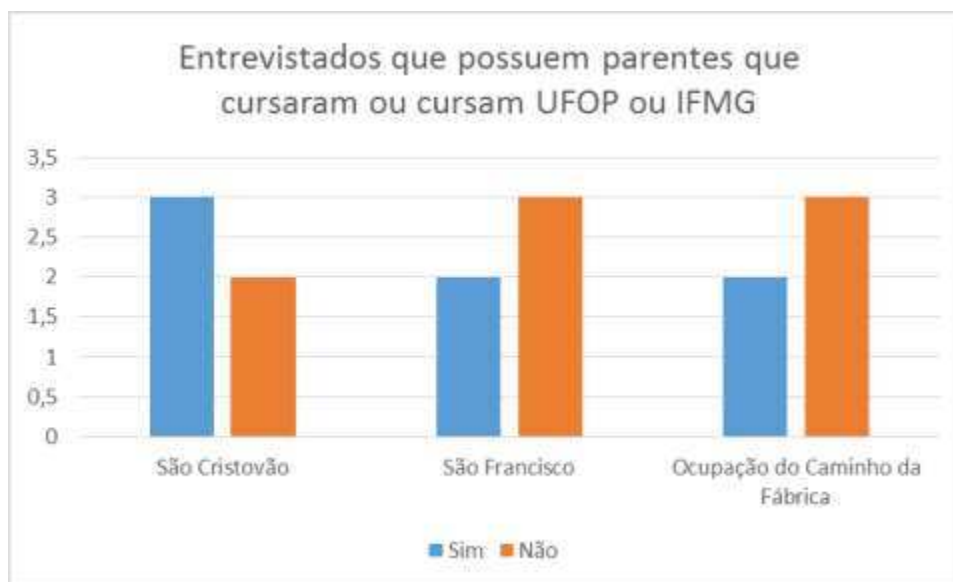
Gráfico 13 - Escolaridade dos entrevistados



Fonte: O Autor, 2022.

A escolaridade dos entrevistados dos três bairros não variou, todos possuem o nível médio de ensino completo e nenhum apresentando ensino superior completo ou incompleto. A única diferença se deu em 2 entrevistados do bairro São Cristovão que realizaram cursos profissionalizantes no antigo SENAI Ouro Preto, não sendo estes cursos classificados como técnicos. Houveram entrevistados que também haviam realizado cursos semelhantes em instituições de ensino particulares como curso de açougueiro (incompleto) e curso de acabamento em trabalhos de alvenaria. Quando questionados se havia pessoas próximas que haviam cursado ou estavam cursando algum curso na Universidade Federal de Ouro Preto-UFOP ou no Instituto Federal de Minas Gerais-IFMG as respostas foram as seguintes (gráfico 14)

Gráfico 14 - Entrevistados que possuem parentes que cursaram ou cursam UFOP ou IFMG



Fonte: O Autor, 2022.

O número de entrevistados com familiares que cursaram ou cursam UFOP ou IFMG variou de modo que o bairro São Cristovão apresentou um maior número de pessoas com parentes que frequentam ou frequentaram essas instituições. A Ocupação do Caminho da Fábrica e o Bairro São Francisco apresentaram o mesmo número de respostas para a mesma pergunta mas houveram variações nos graus de parentesco. Enquanto na Ocupação do Caminho da Fábrica não houveram pessoas com filhos que cursaram essas instituições mas sim sobrinhos e primos, o bairro São Francisco apresentou dois entrevistados com filhos cursando faculdade no IFMG Ouro Preto. No Bairro São Cristovão, houve um entrevistado com sobrinhos e filha que fizeram o curso técnico integrado no IFMG Ouro pRETO e atualmente estudam na UFOP.

Sobre a relação dos entrevistados com o centro da cidade de Ouro Preto, foi questionado aos participantes se eles desfrutam dos monumentos históricos da cidade. As respostas em porcentagem são apresentadas no grafico abaixo (gráfico 15)

Gráfico 15 - Entrevistados que desfrutam dos monumentos históricos de Ouro Preto-MG



Fonte: O Autor, 2022.

Entre os entrevistados, o maior percentual de pessoas que visitam e desfrutam dos monumentos da cidade de Ouro Preto estão os moradores do bairro São Cristovão seguidos pelos residentes do bairro São Francisco. Os voluntários que menos desfrutam dos monumentos de Ouro Preto são, segundo suas respostas, os que vivem na Ocupação do Caminho da Fábrica. Todos eles informaram frequentar as igrejas da cidade porém, apenas para orações, celebrações e manifestações religiosas diversas, não realizando passeios recreativos e de lazer nesses lugares. Sobre os eventos culturais no centro histórico de Ouro Preto, 80% dos entrevistados disseram participar com pouca regularidade. Sobre a divulgação de eventos culturais da cidade no bairro, 100% dos entrevistados informaram não acontecer e 80% dos entrevistados informaram só tomam conhecimento destes quando ocasionalmente vão ao centro e percebem que acontecerá algum evento, e então se informam sobre.

Sobre o tópico que aborda a percepção dos entrevistados sobre a existência ou não de racismo em Ouro Preto, 100% dos entrevistados responderam positivo para a existência de racismo na cidade e 80% dos entrevistados disseram já ter vivenciado esta situação em Ouro Preto, mas não de forma direta. 100% dos entrevistados afirmaram conhecer alguém que já sofreu situação de racismo na cidade.

Com relação aos monumentos de Ouro Preto, 100% dos

entrevistados informaram gostar da paisagem urbana de Ouro Preto mas 70% dos participantes afirmaram não gostar de viver em uma cidade histórica. Sobre essa afirmação, 40%

dos entrevistados afirmaram não gostar de viver em Ouro Preto por perceberem um tratamento desigual dado entre moradores e visitantes pelo poder público municipal, que segundo os entrevistados, “os turistas são melhor tratados em Ouro Preto que os cidadãos”. Complementar a esta informação, 100% dos entrevistados afirmaram que a qualidade de vida em Ouro Preto poderia ser melhor.

Quando questionados se caso houvesse oportunidade se mudariam de Ouro Preto, 30% dos entrevistados afirmaram que sim. Quando questionados sobre a possibilidade de se mudar para uma cidade maior ou do mesmo tamanho de Ouro Preto, 80% dos entrevistados afirmaram não ter vontade de se mudar para uma cidade maior mas 100% afirmou que, acaso mudassem, preferem uma cidade do mesmo tamanho de Ouro Preto.

5. CAPÍTULO III : CONCLUSÃO

Segundo as informações discutidas neste trabalho, pode-se concluir que há estrutura(s) de (re)construção espacial atuando efusivamente na cidade de Ouro Preto há décadas, e que esta(s) estrutura(s) está(ão) ancoradas em poderes políticos e econômicos das mais variadas escalas, que embricados entre si, criam e perpetuam a singularização espacial do perímetro tombado de Ouro Preto como uma forma de reprodução e acumulação de capital.

Desta forma, conclui-se que esta singularização se aprofundou e acelerou a partir dos anos 1980 com a inscrição da cidade de Ouro Preto na lista de patrimônios da humanidade da UNESCO devido ao conjunto de medidas tomadas pelos poderes públicos de diferentes níveis através de políticas sociais e econômicas com a finalidade de garantir o status de Ouro Preto como cidade histórica de paisagem singular, pertencente ao conjunto patrimonial global.

Pode-se concluir então neste trabalho, que as reestruturações espaciais necessárias à manutenção de tais dinâmicas em Ouro Preto vem criando e/ou ampliando áreas de escassez dentro da municipalidade ouropretana, áreas nas quais a parcela autodeclarada preta ou parda local vem encontrando modos de reprodução de seus meios de vida por não serem capazes de mantê-los nas áreas remodeladas da cidade pela gentrificação resultante de tais processos. Por conta disso, nota-se a acentuação de migrações destes grupos às zonas periféricas de Ouro Preto na contemporaneidade como uma alternativa ao aumento do custo de vida nos bairros inseridos ou próximos ao perímetro tombado de Ouro Preto.

Observa-se também nesta pesquisa que há dificuldade por parte do poder público em fornecer acesso às terras propícias e bem abastecidas de aparatos urbanos no município de Ouro Preto às populações desassistidas que se encontram na sede municipal, de forma que os projetos de construção de moradias populares na cidade se dão no sentido de levar essas populações a áreas distantes da sede como o distrito de Cachoeira do Campo na saída da cidade sentido à Belo Horizonte. Como indica

SPOSITO (2011, p.14) ao dizer que

Diante da complexidade da sociedade urbana, pode-se pressupor que a produção do espaço constitui um *elemento central* da problemática

do mundo contemporâneo, tanto do ponto de vista da realização do processo de acumulação capitalista - e, por consequência, da justificativa das ações do Estado em direção à criação dos fundamentos da reprodução – quanto do ângulo da (re)produção da vida, que se realiza em espaços-tempos delimitados reais e concretos. As práticas de resistência precisam ser pensadas com o recurso à construção de um olhar teórico visceral e dialeticamente articulado, precisamente, com a práxis, em um movimento que revele o sentido e o fundamento dos conflitos que se estabelecem hoje, em torno do espaço, como luta pelo “direito à cidade”.

Com este trabalho também é possível constatar que o direito à cidade em Ouro Preto não é respeitado em sua totalidade para com a população preta local, uma vez ser notável a negligência do poder público em Ouro Preto em planejar e alimentar políticas urbanas democráticas que favoreceriam as parcelas desassistidas da população local ao tratar especificamente das suas demandas conforme as suas necessidades. No caso aqui pesquisado, estas questões se concentram no acesso a moradia e qualidade de vida em bairros adjacentes ao centro histórico no qual parcelas afrodescendentes compostas por pretos e pardos se encontram

Também conclui-se que devido não somente à insistência da ocupação de áreas vulneráveis no município por parte da população mas também, pelo desinteresse político e econômico do poder público local de orientar a ocupação dessas áreas é que historicamente os pretos de Ouro Preto vem carregando um fardo duplo de exclusão: a exclusão social por conta do racismo velado com a não valorização de bairros e áreas predominantemente habitadas por eles, e o fardo histórico do Brasil jamais ter implementado em sua história políticas públicas efetivas de reparação à escravidão, que colaborariam com a melhoria das condições de vida dos afrodescendentes brasileiros de um modo geral.

Desta forma, a pesquisa aqui apresentada aponta que os moradores entrevistados nos bairros São Cristovão, São Francisco e na Ocupação do Caminho da Fábrica apresentam características sociais similares no que diz respeito ao usufruto de aparatos urbanos e do seu direito à cidade, mesmo com as variações de renda, condições de acesso à moradia e utilização de serviços, apesar da percepção de que os moradores do bairro São Cristovão ligeiramente indicarem que possuem uma qualidade de vida um tanto melhor que nas demais averiguadas.

Em uma primeira vista, pode-se parecer que os entrevistados do bairro São Cristovão realmente apresentaram melhores perspectivas e condições de vida em alguns quesitos como renda, estabilidade e acesso a aparatos urbanos do que

moradores entrevistados nos bairros São Francisco e na Ocupação do Caminho da Fábrica, no entanto, mesmo com essas ligeiras diferenças, há de se ressaltar as condições estruturais das áreas em que se encontram, e o histórico que os levou até elas. Destre estas características estão, a condição do bairro São Cristovão não ser uma área muito valorizada no que diz respeito à especulação imobiliária e estar sujeita a eventos catastróficos de deslizamentos de terra em determinadas épocas do ano, além de possuir áreas que podem ser classificadas como aglomerações subnormais por não ter serviços públicos fornecidos em sua completude, o que leva os moradores a buscarem alternativas próprias de saneamento, por exemplo, como captar água de minas para abastecimento residencial e improvisar materiais para a construção civil utilizando-se de estruturas já existentes no bairro como mostra a fotografia 12, ou mesmo adaptando materiais reciclados como latão e madeira em construções de moradias. Estes fatores evidenciam como o espaço urbano da localidade é (re)construído e relações territoriais são (re)estabelecidas pela população local dentro de suas condições, encontrando alternativas para viver com os recursos que dispõe.

Fotografia 12 - Muro de estilo colonial adaptado como parte de construção moderna no Bairro São Cristovão em Ouro Preto-MG



Fonte: O Autor, 2022.

Conclui-se também neste trabalho que a preservação de áreas históricas em Ouro Preto é necessária e de extrema importância, porém, a sua orientação deve-se dar sempre no sentido de uso público do patrimônio histórico, principalmente pela população local, o que não foi observado nesta pesquisa em relação aos entrevistados, uma vez que os mesmos apenas utilizavam alguns monumentos em Ouro Preto pontualmente durante o ano em práticas como cultos e festividades do calendário cívico/religioso do município. Tal situação é interpretada neste trabalho como uma tentativa de alijamento desta parcela populacional de sua própria história relacional com a cidade e com a construção do seu espaço urbano no decorrer dos tempos, privando-a de acesso a cultura e lazer. Estes fatores estão de acordo com MARTINS (2016, p.59) que afirma que 'para se compreender como o tecido da sociedade e da cidade é produzido, há que se debruçar sobre as relações de poder entre os indivíduos que habitam na polis' e que

As práticas patrimoniais, a valorização da memória e da identidade e as políticas públicas de preservação do patrimônio, são aqui entendidas como práticas próprias de um determinado momento histórico. Por essa razão, consideramos que a problematização do patrimônio permite uma compreensão maior a respeito da própria sociedade que o valoriza e deseja preservar, do que do passado que ele supostamente evoca.

Constata-se como resultado desta pesquisa que em Ouro Preto a evocação do passado colonial também serve como um fator de instrumentalização das classes dominantes para imposição narrativa, na qual o cidadão preto apenas serviu como “braços e pernas” na construção da cidade e não como uma inteligência colaborativa, mesmo que de forma compulsória e violentada, na construção do seu espaço urbano no decorrer dos tempos. Esta dinâmica social impede que a população preta de certa forma, exerça o seu direito de acesso e de uso a monumentos pois, com a diminuição da ideia de pertencimento destes a esses espaços, há o usufruto dos mesmos apenas em momentos que “todos” podem utilizar, como nas festividades religiosas, e não em momentos de lazer ou em eventos culturais tais como peças de teatro, concertos e festivais gastronômicos que ocorrem nesses mesmos espaços no decorrer do ano e com apoio ou elaboração do poder público com a finalidade apenas de fomento do turismo na cidade e não como uma real possibilidade de dar opções de lazer e acesso à cultura para a população ouropretana, em especial a população preta e periférica local, que segundo os entrevistados, não notam divulgação desses eventos em seus bairros.

Pode-se observar neste trabalho a linha interpretativa da cidade de Ouro Preto como fruto de uma narrativa que evoca o passado colonial, fator que dá sentido às práticas de preservação da cidade como elas são na atualidade (uma tentativa de se abrir uma janela no tempo que permita o vislumbre de um passado idealizado como o formador da sociedade brasileira contemporânea). Deste modo, conclui-se aqui que a maior problemática das abordagens de preservação patrimonial em Ouro Preto está na tentativa de congelamento de conjuntos paisagísticos da cidade, e na busca pelo seu descolamento das demandas contemporâneas oriundas da configuração territorial do município, o que não dá organicidade à sede

municipal de Ouro Preto e cria um decréscimo na qualidade de vida de parcelas de sua população, em especial, as parcelas pretas e pardas, por levarem estas a improvisarem na cidade formas de

reprodução dos meios de vida. GUIMARÃES (2015, p.65) afirma que 'entendemos que o racismo sofre metamorfoses, mas mantém a essência que o caracteriza desde sua origem.

E assim observamos que este fenômeno pode ser visto como um, dentre outros, elementos capazes de traçar os contornos dos lugares, formações socioespaciais e relações interpessoais no espaço' o que sintetiza o espaço urbano de Ouro Preto, que é composto por polos opostos de escassez e acumulação que se retroalimentam como estruturas xifópagas, perpetuando as contradições sistêmicas do capitalismo e sua produção do espaço ancorada na exclusão de grupos humanos e não humanos quando é de interesse do sistema. Essa característica racista de construção do espaço apontada por GUIMARÃES (2015) é a mesma que cria espaços segregados em bairros ouopretanos adjacentes ao perímetro tombado, local em que a população majoritária é composta por pretos e pardos.

O que este trabalho propôs a realizar, para além da apresentação da morfologia espacial de uma cidade histórica listada como patrimônio da humanidade, é a apresentação das razões pelas quais as parcelas que se concentram nas áreas de escassez de Ouro Preto sempre pertencerem ao mesmo grupo racial, que por sinal é o mesmo grupo preterido em políticas públicas urbanas e majoritário nos aglomerados sobnormais espalhados pelo país: os pretos e pardos.

Além de elencar as políticas levadas a cabo na cidade após 1980, houve a busca neste trabalho de avaliar como estas pesam sobre a parcela preta da população de Ouro Preto, o que se constatou no nível de qualidade de vida dessa população nas áreas afetadas por estas mesmas políticas, mesmo que transversalmente.

Os locais investigados neste trabalho, mesmo sendo classificados como bairros pela política de gestão territorial municipal de Ouro Preto, apresentam subdivisões não tipografadas que poderiam muito bem ser consideradas como vilas, no sentido já apresentado para este termo, como áreas carentes de serviços públicos, a exemplo da Ocupação do Caminho da Fábrica no bairro Caminho da Fábrica ou da parte do bairro São Francisco denominado pela população local de Ouro Preto como Morro do Piolho.

Há a possibilidade de interpretação de que a tipologia genérica

empregada pelo poder público municipal de Ouro Preto, possa ser um subterfúgio de mascaramento das reais condições de vida nessas áreas em específico, pois quando se leva em consideração o índice de qualidade de vida em um bairro como um todo, a tendência

é que os indicadores camuflam as condições reais de populações presentes em áreas fragilizadas situadas nestes mesmos bairros, o que leva o poder público a ignorar as especificidades destes locais e as suas demandas que muitas vezes são próprias e não necessariamente são supridas pelos serviços oferecidos nos bairros em que se localizam.

Por fim, observa-se com este trabalho que há uma carência de pesquisas urbanas que investiguem e classifiquem a construção dos tecidos urbanos contemporâneos de cidades históricas, o que muito colaboraria para a compreensão da construção de frações menores do espaço urbano como por exemplo, a Ocupação do Caminho da Fábrica em Ouro Preto, e sua vinculação com as políticas específicas para este tipo de cidade.

6. REFERÊNCIAS

LEI MUNICIPAL Nº 1.181/20 Ouro Preto presente em < <https://ouopreto.mg.gov.br/bairros#:~:text=Lei%20n%C2%BA1181%20de%2010%20de,do%20Munic%C3%ADpio%20de%20Ouro%20Preto.>>

LEI FEDERAL Nº 5.540 presente em < <http://www.planalto.gov.br>>

AGUIAR, Leila Bianchi. Desafios, permanências e transformações na gestão de um sítio urbano patrimonializado: Ouro Preto, 1938-1975. *In: Estudos Históricos*. Rio de Janeiro. V. 29, n. 04, p. 87-106, 2016. Disponível em <https://www.scielo.br/pdf/eh/v29n57/0103-2186-eh-29-57-0087.pdf>. Acesso em 16 de nov. 2020

ALENCASTRO, Luiz Felipe de. África, números do tráfico Atlântico. *In: Dicionário da escravidão e liberdade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

ALMEIDA, Silvio. **Racismo estrutural**. 4ª edição. São Paulo. Editora Jandaíra, 2020.

BARROS, Marcelo Oliveira; SILVA, Sibeles Castro; GRANERO, Arlete Eni; FILHO, Hélio Braga. **O desenvolvimento do turismo: uma visão sistêmica**. 4º Congresso brasileiro de sistemas. UNIFACEF, Franca-São Paulo, 2008.

BOXER, Charles R. **The Golden age of Brazil 1695-1750, growing pains of a colonial society**. University of California, Berkeley and Los Angeles, California. Pages 443. 1962. ISBN: 0-520-01550-9, Library of Congress, Catalog Card No.62-11583.

CALIL, Maria Ribeiro. **Expansão urbana em Ouro Preto-MG: O risco de ocupar encostas mineradas**. 2018. Dissertação, Programa de pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo-Universidade Federal de Viçosa-UFV, Viçosa, 2018.

CARLOS, Ana Fani Alessandri; SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. **A produção**

do espaço urbano: agentes e processos, escalas e desafios. Editora Contexto, 2011.

CASTRO, Jeanne Michelle. **Pluviosidade e movimentos de massa nas encostas de Ouro Preto.** 2006. Dissertação. Pós-graduação em Engenharia Civil- Universidade

Federal de Ouro Preto, Ouro Preto, 2006.

CIVALE, Leonardo. A paisagem cultural entre as políticas públicas de patrimônio e os interesses do capital. *In: Espaço, dinâmicas territoriais e apropriações*. 1ª edição. Viçosa- MG: Editora UFV,2021.

COSTA, Everaldo Batista da. **Totalidade urbana e totalidade mundo: As cidades coloniais barrocas face à patrimonialização global**. 2011. Tese, Departamento de Geografia - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2011.

COSTA, Iraci Del Nero da. Vila Rica: população (1719-1826). São Paulo. IPE-USP: **Ensaio econômico** 1. 1979.

FÉLIX, Katson Aparecido Pedro. **Territórios negros em Ouro Preto: São Cristóvão bairro afrodiáspórico brasileiro**. 2019. Monografia, Arquitetura e Urbanismo - Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto, 2019.

FERNANDES, Rosângela A. S; TORRES, Thais Pinto da Rocha; FERREIRA, Fábio José Rodrigues. **O mercado imobiliário para locação em Ouro Preto, Minas Gerais**. Revista Brasileira de Assuntos Regionais Urbanos-BARU. Pontífica Universidade Católica de Goiás-PUC Goiás, 2018.

FGV; SEBRAE; Ministério do Turismo; Governo Federal do Brasil. **Índice de competitividade do turismo nacional, Ouro Preto 2015**. Ouro Preto, 2015.

FUNDAÇÃO VALE. **Fios e tramas- a indústria têxtil em Mariana e Ouro Preto**. Programa de educação patrimonial Trem da Vale. Belo Horizonte, 2013.

GUIMARÃES, Geny Ferreira. **Rio Negro de Janeiro: olhares geográficos de heranças negras e o racismo no processo-projeto patrimonial**. Tese, Pós-graduação em Geografia- Instituto de Geociências, Universidade Federal da Bahia, 2015.

HARVEY, David. A arte da renda: a globalização e transformação da cultura em

commodities. p.219. In: Harvey, David. *In: A produção capitalista do espaço*. São Paulo: Annablume, 2005.

LUNA, Francisco Vidal. Minas Gerais:escravos e senhores. São Paulo. IPE-USP: *In: Ensaio econômico* 8. 1981.

MARTINS, Walkiria Maria de Freitas. **A pena e o compasso: políticas públicas patrimoniais e a produção da paisagem urbana de Viçosa-MG, entre 1980 e 2010**. Dissertação, Programa de Pós-Graduação do Mestrado Profissional em Patrimônio Cultural, Paisagens e Cidadania, Universidade Federal de Viçosa-UFV, 2016.

MENDES, Michelle Adriane de Lima. **Dossiê de Restauro-Conjunto de Residências dos Operários da Antiga Fábrica de Tecidos de Ouro Preto**. Monografia, Técnico em Conservação e Restauro de Bens Móveis, Instituto Federal de Minas Gerais campus Ouro Preto-IFMG Ouro Preto, 2016.

SMITH, Neil. **Desenvolvimento desigual**. 1ª edição. Rio de Janeiro. Editora Bertrand Brasil S.A. 1988.

OLIVEIRA, Leandro Duque de; SOBREIRA, Frederico Garcia. **Crescimento urbano de Ouro Preto-MG entre 1950 e 2004 e atuais tendências**. *In: Revista Brasileira de Cartografia*, v. 67/4, p. 867, 2015.

Disponível em:

<<http://www.seer.ufu.br/index.php/revistabrasileiracartografia/article/view/49114>>.

OLIVEIRA, Leandro Duque de. **Ocupação urbana de Ouro Preto de 1950 a 2004 e atuais tendências**. Dissertação, Departamento de Geologia- Universidade Federal de Ouro Preto- UFOP, 2010.

OLLAIK, Leila Giandoni; ZILLER, Henrique Moraes. **Concepções de validade em pesquisas qualitativas**. Educação e pesquisa. São Paulo, 2012. Vol.38. Nº1. P.229- 241.

REIS, José Bonifácio Alves e Silva. **A questão habitacional no município de Ouro Preto/MG e suas consequências sociais**. 2017. Monografia, Serviço

Social - Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto, 2017.

RIBEIRO, Anna Lyvia Roberto Custódio. **Racismo estrutural e aquisição da propriedade**. 1ª edição. São Paulo. Editora Contracorrente, 2020.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro**. 14ª edição. São Paulo. Editora Companhia das Letras, 2014.

RIBEIRO, Tarcyla Fidalgo. **Afinal, o que é a gentrificação? Uma análise conceitual e de suas possibilidades de verificação no cenário urbano brasileiro**. Monografia, Curso de Especialização em Planejamento e Uso do Solo Urbano e Regional, Universidade Federal do Rio de Janeiro-UFRJ, 2016.

SALGADO, Marina. **Ouro Preto: Paisagem em transformação**. 1ª edição. Curitiba- PR. Editora CRV, 2013.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: Técnica e tempo, Razão e emoção**. 4ª ed. 2ª reimpressão. São Paulo. Editora da Universidade de São Paulo, p.384, 2006.- (Coleção Milton Santos) ISBN 85-314-0713-3.

SANTOS, Milton. **Da totalidade ao lugar**. 1ª edição. Editora Edusp, p.170. Digitalizado em 16 de julho de 2009. ISBN 8531408822, 9788531408823.

SANTOS, Milton. **Espaço e Método**. Coleção Milton Santos. Universidade de São Paulo, Edusp, p.120, 2008. ISBN 8531410851, 9788531410857.

SASSEN, Saskia. **Expulsões: Brutalidade e complexidade na economia global**. 1ª edição. São PAULO. Editora Paz e Terra, 2016.

TEIXEIRA, Ricardo dos Santos. **Uma conjuntura de aparências - A não construção de um sistema municipal de planejamento urbano em Ouro Preto**. 2015. Tese de doutorado. Universidade Federal de Belo Horizonte.

VASCONCELLOS, Sylvio de. **Vila Rica: formação e desenvolvimento, residências**. São Paulo: Perspectiva, 1977. 214 p. (Debates).

VIEIRA, Liliane de Castro. Ouro Preto e o século XIX: O mito da decadência. **Revista CPC**. São Paulo. n.22. p.145-189. 2016.

7. APÊNDICE

7.1. Roteiro de Pesquisa

QUESTIONÁRIO

Título do projeto: A singularização urbana e a segregação espacial da população preta em Ouro Preto (MG) após 1980

Nome do Pesquisador Mestrando: Marcelo Felipe Sabino dos

Santos Nome do Pesquisador/Orientador responsável: Gustavo

Soares Iorio.

Parte I

Nome: _____

Endereço: _____

Data de Nascimento: _/___/_____

Naturalidade: _____

Sexo: Masculino Feminino

Escolaridade: _____

Estado Civil: _____

Dependentes: não sim Quantos: _____

Declaração Étnico-Racial:

Amarelo Branco Pardo Negro Vermelho

Parte II

Qual a sua idade?	
Você é natural da cidade de Ouro Preto?	
Em qual setor trabalha?	
Qual é a faixa de remuneração?	
Possui casa própria?	
Qual o valor médio de venda do seu imóvel?	
Compartilha a casa?	
Caso compartilhe, com quantas pessoas?	
Qual (quais) o grau de parentesco entre vocês?	
Outros. Especifique.	
Caso more de aluguel, qual o valor do aluguel?	
Há quanto tempo reside nesta casa?	
Onde morou antes?	
Por que se mudou?	
Qual o tempo do seu deslocamento de casa para o trabalho?	
Existe posto de saúde ou hospital próximo a sua residência?	
Existe opção de emprego no seu bairro?	
Existe opção de lazer no seu bairro?	
Costuma fazer compras no seu bairro?	
Quais compras faz no seu bairro?	
Desfruta dos monumentos históricos da cidade?	
Para você, existe racismo em Ouro Preto?	
Já vivenciou alguma situação do tipo na cidade?	
Conhece alguém que tenha passado por essa experiência?	
Qual a sua opinião sobre os monumentos da cidade de Ouro Preto?	
Você gosta de viver em uma cidade histórica?	
Algum parente próximo (filhos, irmãos, esposa, etc.) estuda na universidade ou no instituto federal de Ouro Preto?	
Você se mudaria da cidade de Ouro Preto?	
Você se mudaria para uma cidade maior ou do mesmo tamanho de Ouro Preto?	